

ABRIL / 2016

TRÍDUO DOS LICEUS  
O abraço que te salva

*Tríduo Pascal dos Liceus  
Rimini, 24-26 de março de 2016*

**MENSAGEM DE SAUDAÇÃO, JULIÁN CARRÓN**  
*24 de março, quinta-feira à noite*

**Alberto Bonfanti.** Começamos este gesto agradecendo ao Pigi, que aceitou o convite do Padre Julián Carrón para pregar os Exercícios, dada a impossibilidade do José Medina de estar connosco este ano. Agradecemos também ao Carrón, o nosso amigo, que este ano quis estar connosco desde o início com a mensagem que nos enviou e que agora vos leio.

«Caríssimos,

é comovente que Jesus nos chame amigos!

O que é que isto significa?

Amigo é alguém que ama a minha vida, a minha realização, a minha plenitude.

É esta plenitude que eu quero, que espero secretamente desde que o desejo de felicidade começou a aflorar dentro de mim.

No entanto, apesar deste desejo ser tão instigante – cada fibra do nosso ser o grita –, como é difícil dar-lhe resposta na vida quotidiana! Às vezes, de facto, parece até que está contra nós, de tão lancinante que é. Outras vezes, perguntamo-nos se não seria melhor para nós que ele não fosse tão urgente.

Todos sabemos, por experiência, que não é fácil encontrar alguém que viva à altura do próprio desejo. Do mesmo modo, sabemos que sem a presença de um grande amigo nos renderíamos logo diante das urgências da vida.

É neste ponto que se torna evidente o significado da amizade de Jesus.

Sem um amigo como Jesus, que nos acompanha e nos sustenta, seria quase impossível não desistir. Por isso compreendemos a verdade das Suas palavras: “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo15,5); e então dizemos-Lhe: “Sem Ti, nada podemos fazer”.

É o Seu abraço que nos salva. Com Ele ao nosso lado, a vida é diferente, mais plena.

Como os discípulos O terão percebido amigo, a ponto de responder a Jesus, tal como fez Pedro: “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68), Tu tens palavras que preenchem a vida.

Neste Ano Santo da misericórdia e nestes dias da Sua paixão, morte e ressurreição, desejo que se torne cada vez mais vossa a pergunta que surge no coração de quem é alcançado pelo Seu olhar amigo: Quem és tu, Cristo, quem és tu, que não podemos privar-nos de Ti, depois de Te termos encontrado?

Boa Páscoa!

O vosso amigo Julián»

**INTRODUÇÃO, PIGI BANNA**  
*24 de março, quinta-feira à noite*

**«Ele está aqui. Está aqui como no primeiro dia»**  
*(Ch. Péguy)*

**«QUE APROVEITA AO HOMEM GANHAR TODO O MUNDO, SE SE PERDE A SI MESMO?»**

«Que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se perde a si mesmo?»<sup>1</sup> Ou, como me escreve um de vocês: «Como é que se faz para não perder a vida vivendo?». Logo aos catorze, quinze anos, uma pessoa se dá conta de que talvez já tenha perdido tempo demais. Que não nos aconteça acordar daqui a dois dias, e dar-mo-nos conta de que o Tríduo passou e nós não estávamos lá, que o tempo passou e nós não crescemos. Para isso, devemos pedir para ter a mesma atenção, a mesma disponibilidade de coração e de razão, o mesmo silêncio pleno de afeição de Maria. Não sabia o que ia acontecer depois do anúncio do anjo, mas sabia que não queria perder tempo, que queria estar lá com todo o seu ser. Também nós não sabemos o que vai acontecer, mas sabemos que queremos estar lá. Com ela repetimos: «Faça-se em mim segundo a vossa palavra».

*Angelus*

Sejam todos bem-vindos, sobretudo os que vêm de mais longe, pelo sacrifício que fizeram e porque não querem perder tempo. Nenhum de nós quer perder tempo. Nenhum de nós quer ser infeliz. Quantas pessoas dizem que nos querem ver contentes, felizes! Mas quantas conseguem fazer-nos verdadeiramente felizes, verdadeiramente contentes? Muitos dizem saber qual é a nossa felicidade, mas às vezes apresentam-nos uma conta muito salgada, demasiado salgada, ainda antes de nos fazerem experimentar a experiência da felicidade: «Tu serás feliz, mas só se fizeres isto, se te comportares desta maneira, se me obedeceres, se repetires as coisas que eu te digo, se me seguirem...». Podíamos prosseguir com o rol, mas a felicidade não se vê assim tantas vezes. Não estou só a falar dos pais ou dos professores, mas também de também de nós, amigos. Às vezes também entre nós existem regras não escritas para respeitar. Porquê? Porque assim seremos amigos, seremos felizes. Mas quantos, na realidade, conseguem ser verdadeiramente nossos amigos, conseguem verdadeiramente compreender-nos? Todos dizem que nos conhecem bem, mas quem é que nos compreende verdadeiramente? Quem é que é verdadeiramente capaz de nos compreender?

Isto acontece porque, como diz uma poesia de Emily Dickinson, há um «segredo polar»<sup>2</sup> em cada um de nós. Ou porque, como diz o escritor Alessandro Baricco, «*tu és infinito*»,<sup>3</sup> tu és um mistério infinito, e por isso ninguém te compreende. Esta manhã fiz uma caminhada na praia de Rimini e vi um mar tempestuoso (que no decorrer do dia se acalmou), um mar no meio duma verdadeira tempestade, que os quebra-mares colocados nos cem metros da praia não conseguiam conter; e pensava: cada um de nós é como este mar tempestuoso, infinito, impossível de conter. Por isso muitos não conseguem compreender-nos, e nós procuramos pôr barreiras, quebra-mares. E qual é o resultado do nosso esforço? Às rebenta-se, como a espuma da onda, numa raiva contra nós mesmos. Como diz Nietzsche: «Esta tendência, este impulso para a verdade, o real, o não aparente [...] Já não o suporte»,<sup>4</sup> como o ódio! Enfurecemo-nos, como uma onda que se rebenta contra a rocha. Outras vezes estamos um pouco “aborrecidinhos”, “deprimidinhos” (temos também medo de dizer: deprimidos), deprimidinhos, como a água inerte na margem que fica depois da onda. Mas

---

<sup>1</sup> Lc 9,24.

<sup>2</sup> «Existe uma solidão de espaço, / Uma solidão de mar / E uma solidão de morte – mas / Todas elas serão multidão / comparadas com aquele ponto mais profundo, / Aquele segredo polar, / Que a alma admite a si mesma: / Infinitude infinita» (E. Dickinson, *Ha una sua solitudine lo spazio*, n. 1695).

<sup>3</sup> A. Baricco, *Novecento*, Feltrinelli, Milão 1994, p. 56.

<sup>4</sup> Cfr. F. Nietzsche, *La gaia scienza*, in Id., *Le grandi opere*, Newton Compton, Roma 2008, p. 1214.

deprimidos ou enfurecidos, tudo isto não consegue conter aquele mar infinito que é cada um de nós. Nenhum de nós consegue conter aquele infinito que tem em si.

Como nos escreveu o Julián na sua mensagem, «apesar deste desejo ser tão instigante – cada fibra do nosso ser o grita –, como é difícil dar-lhe resposta na vida quotidiana! Às vezes, de facto, parece até que está contra nós, de tão lancinante que é. Outras vezes, perguntamo-nos se não seria melhor para nós que ele não fosse tão urgente». Exasperadamente presunçosos e enfurecidos ou aborrecidos e inertes: são tudo faces daquele mar infinito que é cada um de nós, e não porque estamos errados. Porque uma pessoa, a primeira vez que se sente verdadeiramente impotente, a primeira vez que se sente verdadeiramente só e incompreendida; uma pessoa a primeira vez que se sente impotente, precisamente nesse momento, começa a ser homem; não estás errado porque tens este fogo em ti, mas tens este mar infinito impossível de conter dentro de ti porque és verdadeiramente homem. Como nos diz Dom Giussani: «Quanto mais descobrimos as nossas exigências, mais nos apercebemos de que não as podemos resolver por nós, como o não podem os outros, homens como nós. O sentimento de *impotência* acompanha toda a experiência séria de humanidade. É este sentimento de impotência que dá origem à *solidão*. A verdadeira solidão não provém tanto do facto de se estar só fisicamente, como de descobrir que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros. [...] Estamos sós com as nossas necessidades, com a nossa necessidade de ser e de viver intensamente. Como alguém que está sozinho no deserto, a única coisa que pode fazer é esperar que alguém chegue. E a solução não virá decerto do homem, porque são precisamente as necessidades do homem o que é preciso resolver».<sup>5</sup>

Um de vocês compreendeu isto bem, leio o seu contributo: «Tenho muitas coisas na vida, amigos, paixões, pessoas que me querem bem. Mas a coisa mais preciosa que tenho é a minha profundidade, a minha capacidade de olhar para mim até ao fundo, sempre, continuamente, de forma a não poder nunca mentir a mim mesmo. O que domina a minha vida é a amargura. Depois de uma Escola de comunidade, de um encontro, de um dia, tenho sempre esta amargura dentro de mim. Nada me faz minimamente feliz. E a conclusão a que chego cada vez mais, é que não existe uma felicidade para mim, uma saída para mim. Por que razão, então, se estou assim tão mal, não consigo maldizer [como, ao contrário, o faz Nietzsche] a minha constante profundidade, e não a mando passear? Porque me torna grande, me torna verdadeiro, me torna triste. Porque é a única verdade da minha vida». Se pudesse, abraçava este nosso amigo agora, porque disse uma coisa grandiosa. É a única verdade da nossa vida, este infinito que grita dentro de nós, este mar impossível de conter, esta pobre voz que grita pela eternidade, que pede a vida ao amor.

Cantemos juntos *Povera voce*.

*Povera voce*

### «Chamo-vos amigos»

Esta noite a Igreja recorda aquela noite, a última noite, em que Jesus pronunciou estas palavras: «Chamo-vos amigos».<sup>6</sup> Escutemos apenas algumas das palavras com que, alguns anos depois, o evangelista João se referiu àquela cena: «Não mais vos chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de Meu Pai. Não fostes vós que Me escolhestes, mas fui Eu que vos escolhi, e vos destinei para que vades e deis fruto, e para que o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo o que pedirdes a Meu Pai em Meu nome, Ele vo-lo conceda. Isto vos mando: Amai-vos uns aos outros».<sup>7</sup>

O que significa ter-lhes chamado amigos? Se tivéssemos perguntado a Pedro, a João, a André, a Filipe, sentados naquela noite à volta da mesa: «O que significa não vos ter chamado servos, mas amigos?», teriam começado a contar-nos como, desde o primeiro instante, se sentiram preferidos, escolhidos, amados por Jesus como por mais ninguém. Talvez até dissessem, como o cantor Kaos

<sup>5</sup> L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Coimbra, Tenacitas, 2007, p. 79.

<sup>6</sup> Jo 15,15.

<sup>7</sup> Jo 15,15-17.

one: «Cada olhar teu, cada frase: coisas preciosas»,<sup>8</sup> teriam dito sobre Jesus: «Na escuridão começaste a caminhar comigo, deste uma perspectiva à minha vida». Coisas preciosas: cada olhar Seu. Porquê? Porque ele os tinha despertado, tinha começado a querer-lhes bem, tinha começado a querer bem ao infinito que eles eram e diante do qual, de todas as vezes, nós tentamos pôr os quebra-mares. Com Jesus não era preciso pôr os quebra-mares, não era preciso fingir que estavam bem, nem sequer era preciso ter medo de estar zangados ou cansados, porque ele olhava sempre para aquele mar infinito, e como nos diz o Julián: «sem a presença de um grande amigo nos renderíamos logo diante das urgências da vida». Ou como conta ainda uma de vocês, que descreve o que significa encontrar um amigo: «Aquilo que sempre me atormenta e me aperta com força o coração é que, diante desta realidade, toda tão preciosa, toda tão puramente oferecida, eu sinto dentro de mim um vazio abissal. E trago comigo uma ferida, um drama no coração, que é lancinante, porque o céu não me basta, olhar para o rapaz por quem estou apaixonada não me basta, o abraço fraterno dos meus amigos não me basta. Nada preenche o meu coração (nada!), permanece sempre, constante e violenta, a exigência de um “mais”, ao qual não sei dar um nome, mas que espalha no meu coração uma nostalgia que me aperta o peito, que me faz chorar até à exaustão à noite na cama. Porém eu estou certa, firmemente certa, e até me arrancarem o coração do peito, estarei certa: em nenhum lugar, nenhum, eu fui acolhida com esta minha pergunta, em parte nenhuma encontrei pessoas, amigos, que olhassem para mim como eu sou verdadeiramente, a não ser nesta Companhia. E este é o motivo pelo qual continuo ligada aos meus amigos e estou nos gestos dos Liceus com 200% de mim. Porque não há mais nenhum lugar onde eu possa ir e onde eu possa fazer, gritando, este meu pedido de um “mais”. Por isso eu estou ligada a vocês, porque aqui foi o único lugar onde me senti querida assim, assim verdadeiramente eu ».

É isto um amigo: «Amigo é alguém que ama a minha vida, a minha realização, a minha plenitude» – diz-nos ainda o Julián –, e que não põe na tua boca respostas para repetir, que não te faz um belo discursinho para aprenderes de cor. Se estamos aqui esta noite é porque também nós, como a nossa amiga, de alguma maneira encontrámos alguém diante de quem já não tínhamos que ter medo de sermos simplesmente nós mesmos, diante de quem, finalmente, já não tínhamos que nos sentir errados. Isto é um amigo. Uma jovem, depois de ter ido a um *Raggio* pela primeira vez, escreveu a uma outra amiga: «Num mundo onde todos te dizem “esquece”, vocês dizem “experimenta”». Isto é um amigo: alguém que acredita em ti. É esta, no fundo, a razão pela qual eu estou agora aqui a falar-vos: quando eu tinha treze anos e meio, portanto, a idade dos mais novos de vocês, fui convidado para jantar por uma professora de religião da minha escola e assim, entre uma coisa e outra, deixei escapar uma frase: «Eu acho que já não se pode confiar em ninguém neste mundo», disse mesmo assim, já era cínico aos treze anos, por isso não se assustem! E ela disse-me: «Mas que bem!». Começou a discutir comigo, a perguntar. Então eu pensei: «Eu disse uma coisa destas, quase por acaso, e ela está mais interessada em mim do que eu próprio». Estava mais interessada por mim por uma coisa que eu já tinha metido na gaveta. É isto que significa encontrar um amigo, alguém para quem o teu mal estar, o teu sentimento de desadequação, é uma riqueza. E mesmo que ainda não tenhas percebido nada, dizes: mas que graça que alguém tenha vindo ter comigo, que eu seja importante para alguém, como diz a canção que vamos ouvir agora: «Espantosa graça! Como é doce o som que salvou um miserável como eu».<sup>9</sup>

### *Amazing grace*

<sup>8</sup> «Na escuridão tu caminhas comigo, / tu és o motivo pelo qual eu sobrevivo porque / me deste um objetivo até / lágrimas vermelhas caírem no asfalto. / Verei o teu rosto, saberei porque me escolheu. / Na escuridão tu caminhas comigo, / tu és o motivo pelo qual eu sobrevivo porque / me deste um objetivo até / as minhas batalhas estarem concluídas. / Cada olhar teu, cada frase: coisas preciosas» (Kaos One, *Cose preziose*).

<sup>9</sup> «Espantosa graça! Como é doce o som que salvou um miserável como eu. Estava perdido, mas agora encontrei-me, estava cego, mas agora vejo: / foi a graça que ensinou o meu coração a temer, e a graça que aliviou os meus medos. Como pareceu preciosa essa graça na hora em que primeiro acreditei. / Muitos perigos, trabalhos e armadilhas já passei. Essa graça trouxe-me a salvo até aqui e a mesma graça me guiará até casa. / O Senhor prometeu-me o bem: a Sua palavra assegura a minha esperança. Ele será o meu escudo e quinhão enquanto a minha vida durar» (J. Newton, «Amazing grace», em *Cancioneiro*, p. 310).

### «Não há maior amor do que dar a própria vida pelos seus amigos»

Dentro de alguns minutos iremos celebrar a S. Missa durante a qual recordaremos a primeira missa, aquela última ceia que Jesus celebrou com os seus amigos. Ele tinha-se tornado no centro afetivo deles, tinham deixado tudo para O seguirem e aproximava-se o fim. O que pode fazer Jesus pelos seus amigos? Dar a vida por eles, oferecer o Seu corpo e o Seu sangue para que eles fossem finalmente eles mesmos. O amigo é um verdadeiro amigo se chega a dar a vida para que tu sejas, não para que penses como ele, mas para que tu sejas. Como diz Pavese: «Que me importa uma pessoa que não esteja disposta a sacrificar-me toda a sua vida? [...] De quem não estiver disposto – não digo a sacrificar-te o seu sangue, que é uma coisa fulminante e fácil – mas a ligar-se a ti por toda a vida [...] não devias aceitar nem sequer um cigarro».<sup>10</sup>

Imaginemos que, depois do terror destes dias devido aos acontecimentos de Bruxelas, um terrorista aparece aqui, no meio do corredor. Todos ficaríamos com medo e se alguém, que se julgasse mais corajoso, se atirasse a ele para nos defender, não serviria de nada. O terrorista fazia-se explodir na mesma, porque para ele a sua vida vale a tua morte, está pronto a morrer para te matar. E quantos mais nos atirássemos a ele, mais de nós morreríamos, o nosso gesto não serviria para nada, para nada! O que é que, então, pode mudar alguma coisa? Que haja alguém disponível para morrer para que aquele terrorista viva, para que aquele terrorista se apaixone pela sua vida. Foi isto o que Cristo fez com cada um de nós. Morreu para que nós vivêssemos, porque estava tão apaixonado pela nossa vida que aceitou morrer.

Como escreve o Carrón hoje no *Corriere della Sera*: «Cristo [...] comunica-nos aquela energia sem a qual não podemos recompor-nos nem podemos enveredar pelo único caminho que derrota a violência. A mesma misericórdia de que precisamos nós é aquela de que têm necessidade também os outros. [...] “A misericórdia [este amor pronto a dar a própria vida para que o outro seja] é a única verdadeira e última reação eficaz contra o poder do mal”».<sup>11</sup>

Em muitos dos vossos contributos vocês perguntaram, talvez depois de uma traição, depois de uma desilusão de amor, o que significa amar. Amar não é aquilo que o outro te dá, o prazer que te proporciona, a alegria e o arpejo que te provoca o enamoramento. Amar significa amar o outro mesmo quando te diz que não. Historicamente, isto só teve início com Cristo: alguém morreu para que nós vivêssemos. Oiçamos um fado português, em que a apaixonada diz: «Se eu soubesse / se eu soubesse que morrendo / tu me havias / tu me havias de chorar / Por uma lágrima / por uma lágrima tua / que alegria / me deixaria matar».<sup>12</sup> Se eu soubesse que, morrendo, fazia com que te comovesses, por aquela lágrima que finalmente tornaria menos áspero, menos duro, o teu coração, eu morreria.

### *Lágrima*

Procurando identificar-nos com os apóstolos que, naquela noite, sentiam que o Mestre estava a dar a vida por eles, oiçamos o Evangelho: «Como o Pai Me amou, assim eu vos amei. Permanecei no Meu amor. Se observardes os meus mandamentos, permaneceréis no Meu amor, como eu observei os mandamentos de Meu Pai e permaneço no Seu amor. Disse-vos estas coisas, para que a Minha alegria esteja em vós e para que a vossa alegria seja completa. O meu mandamento é este: amai-vos

<sup>10</sup> C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, Turim, Einaudi 1952, pp. 81, 98.

<sup>11</sup> J. Carrón, «Somente a misericórdia é a verdadeira reação ao mal», *Corriere della Sera*, 24 de março de 2016, p. 35.

<sup>12</sup> «Cheia de penas / cheia de penas me deito / e com mais penas / com mais penas me levanto // No meu peito / já me ficou no meu peito / este jeito / o jeito de te querer tanto / Desespero / tenho por meu desespero, / dentro de mim, / dentro de mim o castigo // Não te quero / eu digo que não te quero / e de noite / de noite sonho contigo // Se considero / que um dia hei-de morrer / no desespero que tenho / de te não ver // Estendo o meu xaile / estendo o meu xaile no chão / estendo o meu xaile / e deixo-me adormecer // Se eu soubesse / se eu soubesse que morrendo / tu me havias / tu me havias de chorar // Por uma lágrima / por uma lágrima tua / que alegria / me deixaria matar» (C. Gonçalves, fado português «Lágrima»).

uns aos outros, como Eu vos amei. Não há maior amor do que dar a própria vida pelos seus amigos».<sup>13</sup>

«Permaneço no meu amor». Para alguém que sente amado assim, até ao fim, qual é o desejo maior, a não ser o de nunca se separar de um amor assim? Como Madalena, que Dom Giussani descreve assim: «Quando se olhava no espelho, a sua fisionomia era dominada, determinada por aqueles olhos. Aquelos olhos estavam lá dentro – compreendem-me? –. O seu rosto estava plasmado neles».<sup>14</sup> Ele permanecia nela, ela permanecia n' Ele. Já não queremos afastar-nos deste olhar, como conta, para concluir, um de vocês: «Depois de uma noite de cantos, não me sentia bem; esforçava-me para cantar, mas parecia-me que nada era para mim. Estupidamente, talvez, fui-me embora e este sentimento de insuficiência das coisas estava cada vez mais presente [o mar impetuoso do início, com todos os quebra-mares que se podem meter, não se vai embora, graças a Deus!]. Assim, falei disto com um grande amigo; e depois de toda a minha explicação, ele saiu-se com um “Bem, parece-me muito bem!” [eis o amigo! Não te diz: “Tem calma, isso vai passar”, mas responde-te: “Bem, parece-me muito bem!”]. Pensava que estava doido. Mas como, muito bem?! Como pode estar bem uma coisa que me faz estar com um humor de cão? Aquele “maldito” tinha-me desfeito mesmo antes de me falar, mesmo antes de me dar uma explicação! Mas depois disse-me que Deus aposta em mim. E mais ainda! Deus está lentamente a alargar a medida do meu coração para fazer com que eu obtenha um novo gosto. Tudo aquilo que antes me dava felicidade, agora não me chega, para que o meu coração, ainda que efêmero e miserável, possa amar ainda mais com aquele Amor sincero que se renova de cada vez. Deus reabriu a minha ferida para que eu regresso a Ele novamente. E como Ele aposta! Podia muito bem mandar tudo passear e ir-me embora. Mas não quero. Quero voltar para Ele. Eu já não posso afastar-me». Alguém que te reabre a ferida é alguém que te quer bem, que aceita até que tu te vás embora, desde que, finalmente, olhes de frente para aquela ferida, desde que finalmente tu já não te sintas errado.

Como é que nos afastamos de Alguém que está pronto a deixar-nos ir embora, que está pronto a deixar-se matar, que está pronto a apostar tudo na nossa liberdade, para que nós sejamos finalmente nós mesmos, para que finalmente aquele mar impetuoso se exprima, para que finalmente se reabra aquela ferida que é a nossa riqueza? E depois este nosso amigo continua escrevendo uma poesia lindíssima que vos leio agora. Quando uma pessoa escreve uma poesia, quando escreve uma canção, isto quer dizer que estás por dentro, quer dizer que trazes contigo esta presença amiga, que te tomou, que penetrou até na tua criatividade: permanece em ti e tu permaneces nela. Claro, só o facto de te tocar no uso do dinheiro é já muito, porque impressionou-me que um de vocês tenha pedido ajuda pelos seus amigos para vir aqui, mesmo contra a opinião dos seus pais. Isto significa que ele fazia questão, que é uma coisa importante para ele, mas é-o ainda mais o facto de que incida na tua criatividade, porque significa que te conquistou mesmo. Eis a poesia: «Abandona-te nos braços de quem, por ti, deu tudo / Serás levada, por uma luz mais alta mas da mesma fonte, alma cansada, alma alegre, aos braços de Quem agora é para ti / Repousa alma desejosa / Desperta onde tudo é claro / Onde tudo tem resposta e onde o rosto dos que mais amas se encontram no Amor do coração do Pai / Agora / Hoje / Como há dois mil anos».

Hoje, agora, como há dois mil anos: este amor, que se entrega a Si mesmo totalmente para nos fazer ser, alcança-nos agora. Como conclui o Carrón na sua mensagem, «é o Seu abraço que nos salva [...] Quem és tu, Cristo, quem és tu, que não podemos privar-nos de Ti, depois de Te termos encontrado?».

Queremos permanecer na onda que o gesto de Cristo gerou naquela noite, na onda que lança aquele mar infinito que nós somos e que nos alcança esta noite, hoje. Por isso, aguardando em silêncio a Missa, vamos cantar uma canção que diz a mesma coisa que o nosso amigo exprimiu na poesia: aqui junto de ti, Senhor, quero ficar; quero permanecer aqui, não quero ir-me embora para outro sítio, porque se me afasto de ti, onde é que posso ser eu mesmo?

---

<sup>13</sup> Jo 15,9-13.

<sup>14</sup> «Mas toda a sua vida – no particular e no seu todo –, ela não conseguia vê-la, nem senti-la, nem vivê-la, senão dentro daquele olhar» (L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, BUR, Milão 2002, pp. 5-6).

Aguardemos em silêncio o início da missa. O que significa «em silêncio»? Se depois de te teres apaixonado por uma rapariga ela te fizer pensar um mês, dois meses, se te faz esperar por uma resposta e passados dois meses te diz: «Vamos sair!», encontram-se e começam a falar: «Como vai a escola?», depois o discurso torna-se mais constrangedor: «Em relação ao que me disseste há dois meses, eu pensei nisso e...». Nesse instante toca o telemóvel. Quem é? A mãe! A mãe, agora?! Querias esfaquear a tua perna para aquele telemóvel não tocar, querias pegar no telemóvel e atirá-lo fora, porque aquela rapariga te está a dizer o que pensa de ti, te está a dar uma resposta. Bem, nestes dias em que Cristo está a dar tudo de Si por nós, nós queremos da mesma forma estar completamente em tensão para captar o que nos vai dizer, sem que nenhuma outra chamada nos perturbe? É isto o silêncio. Faz sentido fazer silêncio quando alguém tem alguma coisa para te dizer. Mas se tu não esperas nada, então é melhor perder tempo. Por isso esperamos em silêncio o início da missa. Vamos cantar *Junto de ti*.

*Junto de ti*

### **Homilia do Padre Pigi Banna**

«Tendo amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até ao extremo».<sup>15</sup> Pode amar-se «até ao extremo»? Ou, infelizmente, o amor está destinado a ter a palavra fim, está condenado a acabar? Também para eles se aproximava o fim da história mais bonita das suas vidas. Parecia que tudo chegava ao fim. Um deles até tinha traído Jesus e tinha dito que se aproximava a sua morte. Era o fim. Também este amor que parecia eterno estava destinado a acabar .

O que teríamos nós feito naquela ceia? Talvez tivéssemos tentado não pensar nisso. Teríamos ficado ali a contar uns aos outros que, ainda assim, tinha sido bonito – os milagres, as palavras, as pessoas –, tentando não pensar nisso. Ou então teríamos tentado dizer que não se podia confiar em Judas. Ter-nos-íamos perdido em polémicas inúteis e estéreis. Ou teríamos simplesmente permanecido em silêncio. Não o silêncio que vos é pedido nestes dias, mas aquele mutismo de quem se sente inútil na vida.

Mas Jesus, «sabendo que tinha chegado a sua hora [...] tendo amado os Seus [Ele não se perde nestas conversinhas. O que é que faz?] [...] amou-os até ao extremo», ou seja, não permite que se escreva a palavra fim naquela relação. Ama-os de tal maneira, até ao fim, que aquela relação poderá durar para sempre, até hoje. Toma o pão, toma o vinho e diz: aqui está, «isto é o Meu corpo», «isto é o Meu sangue», «fazei isto em memória de mim».<sup>16</sup>

Desde há dois mil anos até esta noite que fazemos isto em memória d' Ele. Repetindo aqueles gestos, Ele torna-se presente no meio de nós com o Seu corpo e com o Seu sangue. Assim amou até ao extremo, até hoje e para sempre; encontrou a maneira de estar presente no mundo e ainda hoje no meio de nós. Por isso celebramos a Missa esta noite, não é uma formalidade. Celebramos a Missa porque aquele olhar que alcançou aquele rapaz e aquela rapariga cujos contributos lemos, aquele olhar que me alcançou, que te alcançou, que se debruçou sobre o nosso limite, tem uma origem: naquela noite, quando Ele amou até extremo, instituindo a Eucaristia. Sem aquela noite não existiriam estes olhares que nos alcançam hoje. Sem aquela noite não existiria nada entre nós. Por isso agora, celebrando a Missa, compreendemos por que razão existiu aquela noite, porque é possível que entre nós aconteça a mesma coisa.

Ama-te até ao extremo, põe ainda hoje, diante de ti, uma pessoa que se inclina para te lavar os pés, que se inclina para ouvir aquilo que tu não querias ouvir sobre ti. Vamos deixar que os nossos pés sejam lavados por uma companhia que, chegando até nós hoje, nos traz o mesmo olhar, os mesmos gestos, as mesmas palavras de Jesus que te ama até ao extremo?

---

<sup>15</sup> Jo 13,1-5.

<sup>16</sup> 1Cor 11,23-26.

## Lição, Pigi Banna

25 de março, sexta-feira de manhã

### «E de que vale a vida, senão para ser dada?»

(P. Claudel)

«E de que vale a vida, senão para ser dada?» Mas a quem é que vale a pena darmos a nossa vida? «Ainda que meu pai e minha mãe me abandonem», recitámos no Salmo (*Sal 27 (26),10*). A quem abandonar-se então, qual é o abraço que não abandona? O Salmo continua: «O Senhor há de acolher-me». O Senhor há de acolher-me, onde existia o nada do abandono, o «Verbo fez-se carne e habitou entre nós». A quem dar a nossa vida senão a Cristo que se abaixou, que se humilhou fazendo-se carne, até dar a sua vida por nós, para nos dar a vida?

*Angelus*

### «Agora a minha alma está turbada»

«Agora a minha alma está turbada».<sup>17</sup> Ao longo de todo o dia de hoje seremos colocados diante deste medo, diante deste temor de Cristo. O vazio e o abandono que todos nós bem conhecemos, foi Ele o primeiro a olhá-los de frente, a experimentá-los. Identifiquemo-nos com o grande companheiro desta jornada, ouvindo a descrição daquela luta que Ele viveu no horto das oliveiras.

«Jesus respondeu-lhes: “Chegou a hora em que o Filho do Homem será glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas, se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida, perdê-la-á e quem aborrece a sua vida neste mudo, conservá-la-á para a vida eterna. Se alguém Me quer servir, siga-Me e, onde Eu estou, estará ali também o que Me serve. Se alguém me servir, Meu Pai o honrará. Agora *a minha alma está turbada*; e que direi Eu? Pai, *livra-me* desta hora? Mas é para isso que cheguei a esta hora! Pai, glorifica o teu nome”».<sup>18</sup>

«Agora *a minha alma está turbada*». Ficamos de pé, a ouvir o canto de Maria que sofre. Procuremos identificar-nos com o sofrimento de Maria, que é a melhor maneira de entrar na compreensão do sofrimento de Cristo. E à medida que fluem as palavras do canto, unamos o nosso medo, o nosso temor, o nosso sentimento de vazio e de abandono ao temor, ao medo que também Cristo viveu.

*Ognun m'entenda*

Na noite entre a quinta-feira e a sexta-feira santas, Cristo viveu a sua agonia. A palavra «agonia» quer dizer a luta. Luta contra o quê? Ele viveu a sua luta, como eu dizia antes, contra o sentimento de vazio e de abandono, aquele sentimento de vazio e de abandono de que tantos de vocês falaram nos vossos contributos. Na noite anterior, todos os seus discípulos estavam prontos a morrer por Ele, todos estavam comovidos pelo tão grande que era a sua figura de homem, de Messias. Mas apenas poucas horas depois, Ele fica sozinho; enquanto Judas negociava para O fazer prender, Pedro e Tiago e João não conseguiam permanecer despertos, velar com Ele. Há quem O traia, quem O renegue e quem fuja. E Ele permanece sozinho.

Ser abandonado é talvez a coisa mais terrível que pode acontecer a um homem na vida. Para não sermos abandonados, nós estamos dispostos a tudo; para receber um olhar de atenção, de ternura por nós mesmos, às vezes até estamos dispostos a vender-nos. Por isso às vezes aceitamos repetir aquilo que não pensamos verdadeiramente, vestirmo-nos como não queremos, de repetirmos frases das quais não estamos plenamente convencidos, para continuarmos no grupo, para não sermos

<sup>17</sup> Jo 12,27.

<sup>18</sup> Jo 12,23-28.



deixados sozinhos. Mostramos uma cara num sítio e outra noutra, como diz o Carrón: «É como se, de facto, cada um de nós se curvasse ao que se espera de nós em cada circunstância: assim temos um rosto no trabalho, outro para os amigos, outros ainda em casa, etc. Onde somos verdadeiramente nós mesmos? Quantas vezes nos sentimos sufocados no quotidiano, sem a mínima ideia de como nos libertar, à espera apenas de que mudem as circunstâncias ou que elas mudem por si sós! No final, estamos presos, ansiosos por uma liberdade que nunca vem».<sup>19</sup> Uma máscara na escola, uma máscara no sábado à noite, uma máscara com os amigos dos Liceus, uma máscara com os colegas de turma. Porquê? Porque não queremos que nenhum nos abandone, nos deixe sozinhos. Como diz este trecho musical que muitos de vocês conhecem e ouvem: diz-me, estás só a brincar comigo ou vais ficar para sempre ao meu lado? «Diz-me, morrerias por mim?»<sup>20</sup>

Depois de termos sido fascinados, depois de termos sido atraídos, depois de termos começado a acreditar numa pessoa, depois de termos começado a dar-lhe mais do que ela pedia, temos muito medo que esta pessoa nos abandone, nos traia. Fazemos de tudo para evitar a experiência terrível de vazio que nos assalta quando somos abandonados: sentimo-nos presos e humilhados. Como diz Dostoiévski, depois de termos suicidado a nossa liberdade para não sermos abandonados, encontramos-nos «num perfeito».<sup>21</sup>

Se vos interessa verdadeiramente o que estamos a dizer, não apenas quando houver silêncio, mas também quando tiverem algum tempo livre, com os vossos amigos, antes do almoço, a vir para o salão, a ir para a *Via Crucis*, retomem os textos propostos no livrinho, identifiquem-se com a experiência de um cantor, de um escritor, com aquilo que eles dizem sobre si próprios, porque é assim que se aprende também a estudar. Partindo destas coisas mais verdadeiras, uma pessoa aprende a identificar-se, depois, também com um texto de literatura do século XVIII que talvez não seja do seu agrado.

Mas chegamos à pergunta *clou* que resume todas as outras: existe alguém que nunca me abandonará? Ou, como escreve um de vocês: «Existe, então, alguma coisa (uma paixão, uma amizade) que, pelo contrário, dure para sempre?». Quarta-feira, antes de partir para os Exercícios, um de vocês disse-me: «Sabes, estou quase tentado a não ir este ano, sei que me entusiasmo tanto e depois acaba». Porquê entusiasmar-se outra vez, sabendo que não dura? Temos medo disto, de ficarmos desiludidos, de sermos abandonados. Olhemos de frente a coisa: e se também os Liceus, se também o encontro com Cristo fosse, como li num dos contributos, a maior aldrabice que eu encontrei, a maior desilusão que já tive na vida? É esta a dúvida que nos atazana.

Como diz Giussani, insinua-se uma pergunta: «E se não fosse verdade?»<sup>22</sup> Esta pergunta aterroriza-nos: como diz Montale, «o nada nas minhas costas, o vazio atrás / de mim, com um terror de bêbedo».<sup>23</sup> Ganha forma o pensamento de que só exista o nada, que nada seja verdadeiro, que nada dure, que tudo seja destinado a iludir-nos para depois nos desiludir.

---

<sup>19</sup> J. Carrón, *A beleza desarmada*, Lucerna, Cascais, 2016, p. 164.

<sup>20</sup> «Chegámos ao ponto / Tudo aquilo que quero é uma pessoa que não tenha necessidade de muito / Uma repariga em quem possa confiar / Que fique comigo mesmo quando houver pouco dinheiro [...] / Repariga, preciso de saber / Diz-me lá agora, ficarias mesmo ao meu lado? / Baby, diz-me, morrerias por mim? / Passarias a tua vida comigo? / Estarias ali, a manter-me os pés na terra? / [...] / Se eu te mostrasse os meus defeitos / Se eu não conseguisse ser forte / Diz-me honestamente, ainda assim me amarias? / Diz-me, diz-me, se me quererias? / Diz-me, diz-me, se me chamarias? / [...] / Diz-me, diz-me, precisas de mim? / Diz-me, diz-me, amas-me? / Ou estás apenas a brincar?» (R. City feat. Adam Levine, *Locked Away*).

<sup>21</sup> Cf. F.M. Dostoiévskij, *I fratelli Karamazov*, Garzanti, Milão 1981, p. 323.

<sup>22</sup> «O medo é o sopro do nada de onde vimos, que se traduz, como diz o livro da *Sabedoria*, na exaltação das coisas pequenas, das coisas mesquinhas: a mesquinhez do abraço, a mesquinhez da posse, a mesquinhez da apropriação, a mesquinhez da ira, a mesquinhez da preguiça. [...] E assim o mundo é todo feito de mentira, “o mundo está todo posto na mentira” (ainda bem que foi Cristo quem o disse!), é a exaltação do mesquinho elevado a sistema, que acaba sempre em catástrofe. A exaltação que o mundo faz do mesquinho – do sexo, da política, do dinheiro, da saúde – acaba sempre numa catástrofe pessoal (a destruição do eu) ou coletiva. (...). Insinua-se e toma a forma desta pergunta: “E se não fosse verdade?”» (L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo. 1990-1991*, BUR, Milão 2013, pp. 292-293).

<sup>23</sup> E. Montale, «Forse un mattino andando in un'aria di vetro...», em *Tutte le poesie*, Mondadori, Milão 1990, p. 42.

Rapaziada, esta impressão teve-a também Judas. Ele tinha sido conquistado por Jesus, tinha sido entusiasta de Jesus, mas depois a salvação não vinha sob a forma que Judas esperava. Leio-vos como uma de vocês exprime esta impressão, resumindo muitas perguntas: «Sempre me senti pouco à-vontade com as pessoas, sentia-me inadequada e estranha: tinha grandes perguntas que escondia com cuidado. Parece infantil dizer isto, mas sentia-me incompreendida. Até que, no décimo ano, conheci os Liceus. Ali respirei pela primeira vez, pela primeira vez estava em casa. Eles falavam de todas estas perguntas que eu tinha aprendido a sufocar. Já não estava sozinha. Tinha mais do que alguma vez tinha pedido. Salvou-me a vida. Ali estavam pessoas que devoravam a vida com desejo, e eu tinha a sorte de lhes chamar amigas [tudo aquilo que dissemos ontem à noite, sintetizado em dez linhas. Tudo aquilo que dissemos: a quinta-feira santa, o amigo, finalmente alguém que me compreende]. Depois [este “depois” é a questão que enfrentamos hoje], um deles afastou-se e começou a consumir drogas cada vez mais frequentemente. Fez-nos entrar em crise: como é que alguém que encontrou uma coisa assim tão grande a abandona? Vejam bem, ele não é estúpido. Então talvez fosse uma ilusão aquilo que eu vivi, iludi-me de que era alguma coisa grande e bonita. Não sabia como reagir diante disto, e ainda não o sei. Dei tudo a este lugar, mas senti-me enganada, porque nunca experimentei uma dor tão grande, grande demais para mim. Sinto-me inadaptada para a vida, está a pedir-me coisas que eu não sei e isto está a consumir-me. Quando faço esta pergunta, respondem-me que é só um mau momento, uma idade infeliz, mas a mim não me interessa viver à espera de um hipotético amanhã melhor. Quero um motivo para viver agora, se não, não me interessa».

Querida amiga, não acho que seja um momento mau. Não é um momento mau, este teu momento! Porque este é o problema da vida, que queremos olhar de frente: se tudo, «depois», acaba ou se podemos confiar em alguma coisa que dure para sempre. É o momento de entender o que é que vale verdadeiramente. Ou então podemos fazer como Judas: assustarmo-nos com o sentimento de abandono e com a desilusão, e fugirmos. Diante do medo, diante do nosso limite, fugimos, traímos. Esta é a nossa traição: às vezes fugimos; outras vezes, depois do entusiasmo inicial, ficamos nos Liceus por hábito, para repetir os discursos que todos fazem; outras vezes vivemos num perfeito dualismo entre os encontros e o divertimento tal como o mundo o concebe. Esta é a nossa traição: fugir como Judas. Cantemos *O monólogo de Judas*.

#### *O monólogo de Judas*

#### **«Não se faça o que Eu quero, mas o que Tu queres»**

Mas Cristo não fugiu diante do medo. Diante do abandono, não se sentiu traído como Judas, não fugiu da cruz, não foi atrás de Judas. Percebeu que não era uma questão de um momento, mas que aquele era o seu momento, o momento de dar a sua vida. Olhou de frente para o medo e para o abandono. Vamos levantar-nos e ouvir com atenção o que o Evangelho nos conta sobre isto: «Chegando a uma herdade chamada Getsemani, Jesus disse aos Seus discípulos: “Sentai-vos aqui enquanto vou orar”. Levou consigo Pedro, Tiago e João; e começou a sentir pavor e angústia. Disse-lhes: “A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai”. Tendo-Se adiantado um pouco, caiu por terra e pedia que, se fosse possível, se afastasse d’Ele aquela hora. Dizia: “Abba! Pai! Todas as coisas Te são possíveis; afasta de Mim este cálice; porém, não se faça o que Eu quero, mas o que Tu queres”».<sup>24</sup>

Como é que Cristo esteve diante deste desafio? Porque não fugiu? Com gritos e lágrimas, conseguiu dizer: «Porém não o que Eu quero, mas o que Tu queres». Seria bom para todos aprendermos a não fugir diante da dúvida que nos aterroriza como bêbedos, estando diante dela como fez Cristo.

Tenho um colega de estudos, um africano da Tanzânia, que tem uma cara muito tímida, parece ser a melhor pessoa do mundo; um dia apareceu outro colega seu, também franciscano, e disse-me: «Sabes que ele matou um leão?». Matou um leão com as suas mãos! Perguntei-lhe: «Como é que

---

<sup>24</sup> Mc 14,32-36.

fizeste para matar um leão?» E ele: «É preciso ter muito treino, tens que aprender a olhar o leão de frente; nessa altura o leão tem mais medo do que tu. Se vir que tu tens mais medo, mata-te. Se, pelo contrário, o olhares nos olhos e não tiveres medo, assim que ele te saltar para cima, cortas-lhe o pescoço com uma faca escondida na mão e – zac! – mata-lo». Fantástico! Nós podemos matar o leão da dúvida que nos assalta, rapazes. Esta é a boa notícia que vos queria dar hoje. Graças a Cristo podemos não ter medo, podemos olhar de frente para aquela pergunta – e se não fosse verdade – e matar o medo, derrotá-lo. Não gostavam disso?

O problema é não fugir. O problema é começar a olhar o medo de frente. Ou a nossa amizade serve para isto, ou seja, para estar diante do medo, para o atingir, para o agarrar pelo pescoço e olhá-lo de frente, ou então, serve para quê? Para fazermos entre nós discursos cristãos? Para fazermos terapia de grupo? Mas para isso existem muitos outros grupos. E quando a amizade se torna apenas isso, então fica reduzida a uma coisa sentimental ou formal. Ma isto não serve para viver. A nossa amizade, que nasce de Cristo, é uma grande ajuda para olhar de frente o medo que nos bloqueia, para matar o leão, para navegar através de todas as dificuldades da vida, para não naufragar, para não ter que fugir e para não usar máscaras. Podemos olhar de frente para tudo. Por isso cantemos *Favola*.

### *Favola*

Existe um caminho para olhar o medo de frente, para agarrar o pescoço do leão. Este caminho chama-se «ajuizar», começar a dizer o que pensas, começar a dizer o que achas das coisas. Pensem na primeira vez em que disseram ou fizeram alguma coisa porque quiseram, e não porque os vossos pais ou os vossos amigos vos disseram; pensem qual foi a primeira vez em que, indo contra todos, contra a moda, contra os vossos próprios amigos, disseram: «Eu quero isto». Talvez nunca tenha havido um momento assim. Porquê? Porque o mundo – «o mundo» quer dizer «a mentalidade comum» – aborrece-se de que haja alguém livre que ajuiza, alguém que olha o medo de frente e diz: «Eu quero isto». Isto aborrece porque faz com que já não sejas escravo, torna-te finalmente uma pessoa, com uma fisionomia tua, uma liberdade tua, uma capacidade de juízo tua. Ainda que toda a gente dissesse que uma coisa é vermelha, tu dirias: «Não! Eu vi-a, é branca». Isto é ajuizar. Quando é que, pela primeira vez, deram um juízo vosso? Muita gente tem medo de que vocês comecem a ajuizar. Muita gente prefere que vocês se conformem à mentalidade de todos. E reparem que até mesmo as coisas mais transgressoras são muito conformistas, não se preocupem. Mas quando é que fizeram uma coisa que ia contra toda a gente só porque reconheciam que era verdadeira? O juízo é o início da libertação dos teus sentimentos e das opiniões do mundo.

O primeiro na história a não ter medo do juízo foi o próprio Cristo. Como diz o Carrón: «Cristo submete-se à verificação do nosso coração: não nos pede para acreditar n'Ele “a priori”»,<sup>25</sup> como fez com os seus apóstolos; não lhe pediu para acreditarem n'Ele *a priori*. Quando todos se foram embora, porque não entendiam as suas palavras sobre o Seu corpo e o Seu sangue que lhes iria dar a comer e a beber, interpela os discípulos: «Também vós quereis retirar-vos?». Convida-os a darem o seu juízo sobre Ele: «Também vós quereis retirar-vos?». Deve ser verdadeiramente livre, alguém que te quer tanto bem, que deseja que tu uses o teu coração, que tu uses a tua razão, porque não tem a preocupação de te fazer repetir as suas coisas, de ligar-te a si.

Como dizíamos ontem à noite, só quer que tu sejas livre, por isso te convida a olhares de frente para aquele medo, para ajuizares, para veres como estão verdadeiramente as coisas, para perceberes

---

<sup>25</sup> «Ninguém pode tomar o nosso lugar, nem mesmo Cristo o fez [...]. “Por isso, o nosso conceito de fé tem um nexó imediato com a hora do dia, com a prática ordinária da nossa vida. [...] Se tu, apaixonando-te por uma rapariga, ou mesmo tendo vivido várias vezes a experiência do te apaixonares, nunca percebeste de que maneira a fé muda esse relacionamento, nunca te surpreendeste a dizer: “Olha como a fé, iluminando esta minha tentativa de relacionamento, o muda, o muda para melhor!”; se nunca pudeste dizer uma coisa deste género (e, em vez da rapariga, poderias pôr qualquer outra coisa: o pai, a mãe, o estudo, o trabalho, as circunstâncias, etc.), se tu nunca pudeste dizer “olha como a fé torna mais humana a minha vida”, se nunca pudeste dizer isto, a fé nunca se tornará convicção e nunca se tornará construtiva, nunca gerará nada, porque não tocou o teu eu profundo» (L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro. 1986-1987*) (J. Carrón, «Cristo è qualcosa che mi sta accadendo ora», in *Tracce* 2/2012, pp. XI-XII).

de que coisa precisas realmente, o que é necessário e o que não é necessário para olhares de frente para o medo, para enfrentares o caos da minha e da tua vida. Diz um de vocês, retomando um canto:<sup>26</sup> qual é aquele ponto firme entre as ondas do mar, no meio de tudo aquilo que passa, qual é o ponto essencial que me permite seguir em frente, não fugir diante de mim mesmo? Responder a esta pergunta, ver o que é verdadeiramente vero, bom, bonito, certo para ti, não segundo os outros, o que é que é capaz de corresponder ao teu coração, isso é ajuizar.

Há algumas semanas, numa assembleia dos Liceus de Milão, dei um exemplo que fui buscar a Dom Giussani: é como se, a um certo ponto do caminho da nossa vida, nós nos encontrássemos com as costas pesadas com uma mochila cheia de conhecimentos, de *know how*, de coisas para fazer.<sup>27</sup> Pensem nos vossos pais, em quantas coisas vos ensinaram, da linguagem aos comportamentos: «Não ponhas o dedo no nariz, nos ouvidos»; e ainda: «Vê lá, no futuro tens que ser mais rico do que eu, tens que arranjar um bom trabalho»; ou: «Estuda, se não vais ser um pobretanas»; ou ainda: «Olha, tu tens capacidades, mas se não te empenhares...». Em suma, todos põem alguma coisa na tua mochila. E os amigos também fazem o mesmo: «Mas como, não tens aquela camisola?». E então tu pões a camisola. E assim enches a mochila de coisas, de conhecimentos, de metas, de camisolas. Minha mãe! Pesadíssima! De tal maneira que, a dada altura, o que é que uma pessoa faz? Tira a mochila e foge. E não devia ser assim! Podemos parar, abrir a mochila – isto deve ser feito na vossa idade; e se não o fazem, pior para vocês! – e ver o que é essencial para caminhar, o que é essencial para viver, isso é ajuizar.

Todos os discursos que fazemos entre nós, todos os ralhetes que nos dão, servem para alguma coisa? Não! Diante dos problemas da vida, quando a vida apertada, dá-te conta de que não servem, que não te são úteis. Isto é ajuizar, ou seja, dizer: «Isto não é útil». Vais para a praia em Rimini e metes os esquis na mochila. É útil? Não! «Ei, mas todos os meus amigos metem os esquis». E todos nós, feitos parvos, metemos os esquis para ir para a praia. «Bem, mas fazemos esqui aquático!» Mas o que estás a dizer?! É este o ponto: é nós chegarmos até a pensar que está bem assim, é chegarmos a dizer: «Bem, mas se todos trouxeram os esquis, vê-se que é uma coisa nova». E assim, pesadíssimos, vamos para a praia. Mas libertem-se um pouco deste peso inútil! Tu podes olhar para o que está na tua mochila e ajuizar aquilo de que precisas ou não.

Caso contrário, como escreve muito bem um de vocês, o que é a nossa companhia? Um belo castelo de discursos, que, porém, quando chegam os problemas, não servem para nada, quando chegam os problemas vão todos para o psicólogo, ou melhor, no sábado à noite vão todos embebedar-se ou acabam no Iperurano (*instituto de ioga, nt.*) Ou como diz outro de vocês: leva-se uma bela lufada de oxigénio e depois volta-se a mergulhar na confusão da vida. Não! Temos que entender se aquilo que Cristo nos trouxe nos pode servir para a vida, sempre. E temos que ser honestos em reconhecer que a maioria das coisas que nos dizemos, que nos propomos, trazem apenas «*mancamento e vòto*», para dizer como Leopardi: falta e vazio (para quem não entende Leopardi!).

«Podemos fazer aquilo que bem entendemos, mas não podemos fugir a esta verificação: quantas vezes, num dia, vivemos uma experiência real de liberdade, isto é, de plenitude, de satisfação, na nossa vida, na contingência das escolhas quotidianas, na adesão aos bens e às atrações parciais? O que prevalece normalmente é a asfixia, a sensação de estar sempre apertado, esperando apenas escapar. Quantos fogem, na imaginação, para suportar “a falta e o vazio”! «Sem o reconhecimento do Mistério presente a noite avança, a confusão avança e – como tal, a nível da liberdade – a rebelião avança, ou a desilusão passa de tal modo a medida que é como se não se esperasse mais nada ou se vive sem desejar mais nada, exceto a satisfação furtiva ou a resposta furtiva a uma breve questão.” [...] Só a relação reconhecida e vivida com Aquele que nos satisfaz e nos liberta dos caprichos, da ditadura dos desejos – que é a redução do desejo a algo ao alcance da nossa mão –, nos torna consistentes em qualquer circunstância e irreduzíveis a qualquer poder».<sup>28</sup>

<sup>26</sup> C. Chieffo, «Canzone dell'ideale» (Parsifal), in *Canti*, op. cit., pp. 223-224.

<sup>27</sup> Cf. L. Giussani, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa, 2006, pp. 17-18.

<sup>28</sup> J. Carrón, *A beleza desarmada*, op. cit., p. 178.

Há muitas coisas que enchem a nossa mochila e que não servem para nada. Mas nós às vezes pensamos: «Se eu tivesse aquela coisa, aquela rapariga, umas notas melhores!». Temos que enfrentar as coisas: são banalidades. Porque depois vem a rapariga, vêm as notas e vemos quantas pessoas, com os desejos todos realizados, continuam infelizes. Mudam as circunstâncias, mas mais uma vez, isso não basta; e no entanto, não somos honestos em dizer que não basta.

Mas um de vocês escreve: «Regressado das férias de inverno, durante as duas primeiras semanas, rezando e relendo os testemunhos, consegui manter vivo aquele desejo. Mas com o passar dos dias [aquele “depois” de que falávamos antes] tudo tinha perdido o sabor, então refugiei-me nos resultados escolares, mas rapidamente dei por mim ainda um pouco mais triste. Então, com esta tristeza profunda dentro de mim, atirei-me para a companhia para ter uma resposta e ali estava verdadeiramente feliz, mas logo na manhã seguinte, voltava para a escola e estava de novo amorfo, tudo passava e eu não retinha nada. Dei-me conta de uma falta, de uma falta profunda».

Este nosso amigo é grande, porque todos vivemos assim, mas ao contrário dele, nós temos medo de o confessar, e por isso arrastamo-nos com a companhia ao tentar rezar, fingimos que somos piedosos, mas isto não basta, então arranjamos talvez uma bengala, mas também isso não basta. Mas a grandeza de um homem está em dizer: «Bem, fiz todas estas parvoíces, mas isto deixa-me vazio». Este nosso amigo não foi grande por ter feito coisas «piedosas», foi grande porque reconheceu finalmente que nada lhe bastava. É isto que significa dar um juízo: reconhecer que uma coisa não basta às infinitas exigências do teu coração. Vocês receiam – também eu penso isso, também eu o meto para dentro – que dizer: «Não basta» é o fim da aventura. E exatamente por isso, temos medo de o dizer. «Sim, mas no fundo no fundo, um pouco basta-me, e consegue-se viver ainda assim». Pelo contrário, dizer que não basta é o início da aventura. Dizer que não basta é o início da libertação. Pegar na mochila e começar a olhar lá para as coisas que estão lá dentro é o começo da nossa libertação. Mas quando nos perguntam: «Está pesada?», nós respondemos: «Não!». Como, se estás a morrer!? Liberta-te deste peso, diz que não te basta!

Se, porém, muitas coisas acabam, não bastam, e nos deixam vazios, o que é que nos corresponde verdadeiramente? O que é que corresponde verdadeiramente à nossa exigência de beleza, de justiça, de verdade, que é o nosso coração? Alguém responde? Nós podemos reconhecer que sozinhos não somos capazes, que sozinhos não conseguimos que esta coisa dure. Sim, houve as férias, houve os Exercícios, mas e depois? Mas e depois? É passado, se todas as vezes. Mas olhemos para o problema de frente: há alguma coisa que resistia quando tu esmorecias? Há um abraço que continua a alcançar-te exatamente quando todos se vão embora? Precisamente quando tu dizes: «Basta, já não aguento mais!», há alguém que continua a abraçar-te? «Uma mão maior te erguerá» cantávamos, «abandona-te a ela».<sup>29</sup> Cristo entendeu isto. Quando todos o abandonaram, não teve medo de dizer: «A minha alma está turbada», tenho medo, mas há alguém que não me abandona nem sequer agora: o meu Pai. Como escreve um de vocês: «É como se eu, com todos os meus desejos satisfeitos, pudesse chegar a um determinado nível, enquanto que para eles [para estes amigos] não existe limite. Vivenciam o derrube de todas as barreiras, de uma plenitude total, transbordante, contagiosa». Tu não és capaz. A ti não te basta. Tu decais. Mas há alguém que te vem agarrar.

Estamos diante de um desafio crucial. Como escreve Dom Giussani: «Só num caso este ponto, que é o homem singular, é livre de todo o mundo, é livre, e todo o mundo não pode constrangê-lo; num só caso esta imagem de homem livre é explicável: se supusermos que esse ponto não é totalmente constituído pela biologia do pai e da mãe, mas possui alguma coisa não derivada da corrente

---

<sup>29</sup> «Não tenha medo meu filhinho, / mas é a estrada mais dura que te levará lá; / deixa, por isso, o caminho, entra nos campos e vai / atravessa esse bosque, / não tenhas medo porque está Alguém contigo. // *Está Alguém contigo, nunca te abandonará, não tenhas medo, entra nos campos e vai...* / *la la la* // Quando encontrares o lobo, a raposa e o leão, / não te atemorizes e não faças confusão: / são de uma outra história que acaba mal; / não te poderão tocar, não te voltes porque está alguém contigo. // *Está alguém contigo, nunca te abandonará / não tenhas medo, não te voltes e vai.* // Não te rendas à escuridão que devora as coisas / agora é de noite mas o dia ainda virá...» (C. Chieffo, «Favola», *Cancioneiro*, pp. 192-193).

biológica dos antecedentes mecânicos, mas que seja *relação direta com o Infinito*, relação direta com a *origem* de todo o fluxo do Mundo, [...] isto é, com Deus». <sup>30</sup> Ou voltamos para junto daqueles que nos prometem pequenas coisas pesadas para pôr na mochila, que nos fazem usar máscaras e nós depois vamos atrás deles para que não nos abandonem, ou então abandonamo-nos a Ele, àquela Presença que nunca nos abandona, mesmo quando nós a abandonamos. Como diz Sant' Ambrósio: ou somos escravos de muitos, ou somos servos, filhos, de Um, <sup>31</sup> o único que ajuizámos, reconhecemos e verificámos que nunca nos abandona. Há alguém que nunca vos abandonou – esta é a questão da vida –, alguém que nunca vos traiu, alguém que mesmo quando vocês o traíram nunca vos traiu? Há alguém que vos pode amar para sempre? Com menos do que isto, não se pode caminhar. Eu só quero levar comigo este «Alguém» na mochila da minha vida e depois posso ir a toda a parte.

Por isso vamos cantar *Liberazione n.2*, porque este canto diz que quando nós reduzimos a nossa amizade a política, o nosso sentimento a instinto, a exploração, há sempre este Tu que não nos deixa, e por isso podemos cantar: «Só Tu podes / preencher o vazio / da minha mente». <sup>32</sup> Começamos a desejar com todo o coração descobrir com a nossa razão, com o nosso coração, quem é este Tu que nunca nos abandona.

### *Liberazione n.2*

Há um Tu, uma Presença que enche a minha vida. Como foi para Pedro: quando todos se vão embora, ele diz: «Senhor, a quem havemos nós de ir? Só tu [aquele Tu tinha um rosto concreto, o rosto de Jesus] tens palavras de vida eterna» <sup>33</sup>. E também eu na minha vida, precisamente nos momentos em que pensava estar mais só, nos momentos em que pensava não ser compreendido, disse: «Só Tu estás aqui, e vi que Ele nunca me abandonou». E também vocês, quando se libertarem de todas as máscaras que vos põem em cima e começarem a ajuizar, se darão conta de que existe Um que nunca vos abandona. Como conta um amigo nosso: «Confesso, quase que me comovo ao ver quanto caminho fiz, como mudei desde então, quando com um primeiro interesse comecei a compreender que aqui havia alguma coisa para mim. Vou ao Tríduo, portanto, cheio de gratidão por tudo o que esta amizade me deu, cheio de graça no olhar – até mesmo antes de chegar! – porque o caminho que fiz me tornou mais humano, mais eu, e me fez descobrir o que quer dizer viver sentindo-se amado. A minha espera e o meu desejo são descobrir mais uma vez o que quer dizer viver seguindo uma Presença, um Tu que se manifesta, a mim, através das circunstâncias que me são dadas viver, e que, pouco a pouco, nestes anos, aprendi a chamar pelo nome: Jesus. Quero redescobri-l'O, revivê-l'O e voltar a entendê-l'O, porque muitas vezes O esqueço, e tento viver reduzindo isto que me aconteceu e perseguindo o sucesso e a aprovação de todos; porém, se for sincero comigo mesmo [veem? É aqui que começa o juízo], é evidente que é precisamente este Encontro, com “e” maiúsculo, que está a mudar cada vez mais radicalmente a minha vida. Quero tê-l'O presente, Jesus, aquele Encontro que me fez saborear a plenitude através de rostos concretos, em lugares concretos, mas que também me prometeu que aquela plenitude é para sempre. A minha esperança é precisamente que o Tríduo possa ser ocasião para redescobrir esta relação, mais uma vez; e sei que também esta vez não será suficiente, que nunca poderá ser suficiente para mim redescobrir esta relação, e aprofundá-la cada vez mais. Nestes meses foram muitas as coisas que

<sup>30</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa, 2002, p. 128.

<sup>31</sup> «Vejam quantos donos têm aqueles que não reconhecem o único Senhor» («Quam multos dominos habet qui unum refugerit!» Santo Ambrósio, *Epistulae extra collectionem traditae* 14,96).

<sup>32</sup> «Esta noite não me basta / um livro, uma canção / ou um amor de mulher. / Nem pode a confusão / repelir o aborrecimento / de uma vida falhada. // Mas Tu, só Tu, podes / preencher o vazio / da minha mente, / abrir o coração / de quem não sente, / e, depois, brincar / com os meus pensamentos, / fazer-me sentir como se tivesse nascido ontem. // Não vou entregar a minha vida, / única, e contudo vazia, / à política idiota / ou a um falso ideal / inventado por mim, / do qual permaneço dono e escravo. // Mas Tu,... // Este amor estranho / nasceu como um filho / que ninguém esperou. / Mas porque é que, precisamente agora / nos queremos tornar donos / de um amor dado? // Mas Tu,...» (C. Chieffo, «Liberazione n. 2», *Cancioneiro*, p. 210).

<sup>33</sup> Cf. Jo 6,68-69.

não me correram bem, as perguntas que tenho sobre mim mesmo, do que gosto verdadeiramente, até porque o peso da escolha que terei que fazer muito em breve é muito grande [e portanto existe confusão]; porém sinto-me seguro, [porquê?] porque estou certo que há Alguém que não me abandona, que me amará mesmo se eu errar na escolha, que me amaria ainda que eu desperdiçasse a minha vida. Como é que se pode ter medo? Aliás, segundo esta ótica, até as interrogações que tenho são vistas como positivas, porque são o sinal de que estou vivo, que estou verdadeiramente a viver. Viver com esta consciência no corpo é um espetáculo, simplesmente um espetáculo. Mas o que já mudei nestes quatro anos, devo-o a esta companhia, e com lágrimas nos olhos, repensando em tudo aquilo que aprendi, não posso senão dizer obrigado».

Ainda que desperdiçasse a minha vida, estou certo que há alguém que me amaria. Compreendo bem que este nosso amigo diga que é um espetáculo, porque então todas as interrogações não são pontos de paragem ou de fuga, mas tornam-se um caminho.

Isto é o que Cristo compreendeu naquela noite, o que em primeiro lugar, para nos ajudar a todos, Cristo compreendeu. No momento em que todos o traíram, Ele compreendeu que o Pai nunca o abandonaria, que ainda que tivesse desperdiçado a sua vida de um modo infame, com uma condenação infame à cruz, Ele, o rei dos judeus, tudo teria sido por um bem. Por isso consegue dizer: «Não se faça o que Eu quero, mas o que Tu queres». Este reconhecimento de Cristo, «não o que Eu quero, mas o que Tu queres» tem um nome que escandaliza muito e já não se se diz porque os primeiros a escandalizar-se somos nós, os adultos. Este nome é «obediência». A obediência não é a obediência forçada da criança, a obediência é a atitude própria do homem adulto que usa toda a sua razão e a sua liberdade e compreende quem é o único a quem vale a pena obedecer. O oposto da obediência não é a liberdade. O posto da obediência é a escravidão. Ou somos escravos, ou obedecemos com todo o nosso ser a alguém que nos liberta, que não nos abandona. Como diz Dom Giussani: «Na obediência, afirmas alguma coisa que encontres, maior do que tu, da qual esperas a tua salvação, e da qual esperas para ti uma verdade e uma capacidade de amor cada vez maior».<sup>34</sup> Eu sei que seguindo-Te, floresço, porque vi-o. Eu sei que seguindo-Te, sou cada vez mais livre. Por isso te obedeco, para não ser escravo de toda a gente. Vamos ouvir, para penetrarmos neste drama da liberdade de Cristo, *O côr soave*, a primeira canção que Dom Giussani ensinou aos jovens dos Liceus.

### *O côr soave*

#### **«Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito»**

«Não por cutelo pungente, / mas pela flecha que fabricou o amor».<sup>35</sup> O ponto central não é o «cutelo pungente», não é o sacrifício ou a dor, o ponto central é todo o amor pelo Pai que leva Cristo a querer a nossa salvação, a morrer por nós. «Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito».<sup>36</sup> Porque quem é totalmente conquistado por uma relação que o liberta, como diz o Carrón, chega à possibilidade humanamente inconcebível de dar a vida para que o outro viva: «Mas continuarmos estupefactos pelo facto de Cristo ter tido piedade do nosso nada, rebaixando-se até se tornar um de nós, vence qualquer desnorteamento e qualquer impotência e enche-nos daquela plenitude que nos permite aceitar qualquer sacrifício, chegando mesmo à possibilidade humanamente inconcebível de dar a vida para que o outro viva, exactamente como Jesus fez com cada um de nós e como uma mãe cristã faria com o seu próprio filho».<sup>37</sup>

Assim fez Cristo com a sua vida, até ao fim uma oferta total de Si para que nós fôssemos. Estava certo da Sua relação com o Pai, olhando de frente para o medo e para o abandono. E nós, a quem

<sup>34</sup> L. Giussani, *Occorre soffrire perché la verità non si cristallizzi in dottrina ma nasca dalla carne*, Exercícios da Fraternidade, Notas das meditações, 28-30 de abril de 1989, pro manuscripto, p. 49.

<sup>35</sup> «Ó doce coração, coração do meu Senhor, / gravemente ferido, não por cutelo pungente, / mas pela flecha que fabricou o amor, / que fabricou o amor. // Ó doce coração, quando eu te revejo / colocado em tamanha agonia, vai-se-me a alma, / já nem se ouve uma voz, nem ao menos um suspiro, / nem ao menos um suspiro» (Anónimo, séc. XVI, «O côr soave», *Cancioneiro*, p. 96).

<sup>36</sup> Lc 23,46.

<sup>37</sup> J. Carrón, «Carità, dono di sé commosso», in *Tracce*, 2/2010, p. VIII.

oferecemos a nossa vida? «E de que vale a vida, senão para ser dada?» Quem é digno de uma oferta tão preciosa como a nossa vida? Não estou a falar apenas do futuro, com três, dez, quinze filhos, ou até sem nenhum, não estou a falar do futuro como missionário na Oceania, estou a falar de agora. A quem oferecer esta página tão difícil do livro? A quem oferecer o rosto do meu pai que não me compreende? A quem oferecer a incompreensão que trago comigo? Se eu estou certo de Um que só quer o meu bem, toda a minha vida é um diálogo de oferta a Ele. Não existe circunstância, nem mesmo a cruz, que não possa ser oferecida.

O que quer dizer oferta? Tenho na cabeça um exemplo banalíssimo. Há uma priminha minha, que agora me ultrapassou em altura porque cresceu, que é campeã de esgrima, e quando era pequena brincava com a sua bola no corredor. Esta bola era tudo para ela, este jogo prendia-a totalmente. Um dia estou a vê-la a jogar à bola, a certa altura chega o seu pai e ela, com uns olhos que se iluminam, olha para a bola – e eu apercebi-me de um segundo de hesitação (a bola, o pai) – e o que faz? Pega na bola e leva-a ao pai. É isto a oferta. Tu tens a certeza de que levá-la a ele, que nunca te abandonará, é o único caminho para viver plenamente aquela circunstância.

E assim não há circunstância que nos possa deter, aliás aquilo que mais nos impressiona é que assim nós vivemos tudo, qualquer circunstância. Como diz uma amiga nossa que nos encontrou há pouco tempo e que escreve a uma jovem dos Liceus: «Vê-se que tu não vives se Ele não viver, se Ele não estiver, tu também não estás. De alguma forma, deixaste-te ir completamente... O que é bonito... é que tu, como todos os jovens dos Liceus, vocês vivem agora, não sabem nada do “amanhã”, vivem aqui e agora, é importante aquilo que vivem agora». É a coisa mais bonita que ela podia dizer. Não me interessa – desculpem, vou escandalizar-vos – dizer simplesmente: «Vocês, dos Liceus, rezam tanto, fazem tantos retiros, são tão bons! Vocês são coerentes, nunca erram, se fossem todos como vocês!». Interessa-me antes que alguém vos diga: «Vocês vivem agora». Que um colega vosso vos diga: «Como é possível que ninguém goste daquela professora, porque objetivamente não é boa, e tu, pelo contrário, a oiças? No entanto, tu não desistes». Porque também tu sentes o peso da dificuldade em relação àquela professora de matemática (não sei por que razão esta professora se tornou em professora de matemática; os professores de matemática são muito bons, tenho que admitir, se não me atacarem!). Também eu sinto a dificuldade de tudo, mas como tudo pode ser oferecido, então tudo se pode tornar interessante, ocasião de diálogo com o Mistério que faz todas as coisas. Como me diziam esta manhã ao pequeno-almoço: até o peso de uma doença que imobiliza um amigo nosso com uma velocidade impressionante, começando nas pernas e agora até na respiração, é vivido por ele como a sua missão. E isto começa a tocar os outros: «Como é possível que aquela pessoa tão doente viva assim?». Porque vive a realidade como sua aliada, como vos disse o Carrón na mensagem para o Tríduo do ano passado, porque tem a certeza de Quem está por detrás daquela realidade. Também os nosso amigos de Lugo nos contaram como reagiram diante da morte de um colega deles. E os jovens de Bolonha contaram-nos como reagiram diante da doença dum amigo deles. É impressionante: eles iam ao hospital visitá-lo e estudavam lá, jogavam às cartas. No hospital! Também rezavam no hospital. Podíamos objetar: «Aqui vem-se para chorar, o que estão vocês a fazer aqui?» eles responderiam: «Somos pessoas que vivem o presente. Quer este se chame jogo de cartas, quer se chame doença, quer se chame cruz, vivemo-lo porque temos a certeza de que há Alguém que não nos “trama” na vida».

Tudo isto é possível porque Cristo abraçou a Sua cruz, porque naquela noite Cristo ajuizou aquele abandono e compreendeu que não devia fugir, que através daquele passo, através daquela obediência ao Pai, iria abrir uma estrada para todos nós.

Por isso de agora em diante e durante toda a *Via Crucis* de hoje à tarde, nós devemos ter apenas uma preocupação: verificar se aquele amor que Ele introduziu na história é capaz de não nos abandonar nunca; para isso devemos carregar todas as nossas cruzes, todo o sofrimento que temos em cima, todo aquele sentimento de vazio e de abandono que sentimos em nós, para ver se Ele pode responder ou se é apenas uma bonita história de há dois mil anos.

A *Via Crucis* de hoje não é uma festa de máscaras, não é uma evocação histórica, mas tem um único valor: ver se aquela cruz me muda hoje, caso contrário fiquem no hotel e permitam, a quem



quer, viver este gesto seguindo Cristo. Queremos ver se a Sua cruz, a Sua obediência, pode abrir uma estrada para a minha obediência, se me permite encarar os leões da minha vida e libertar-me dos pesos que outros me puseram em cima e das máscaras que eu mesmo pus. Para isto é preciso silêncio. Porque o silêncio quer dizer deixar espaço para esta cruz que passa na minha vida. Como quando a tua mãe (a mãe aparece sempre como exemplo nesta questão do silêncio) limpou o chão da sala e tu vês que ainda está molhado; entras em pontas dos pés ao longo dos cantos da sala. É isto o silêncio: caminhar em pontas dos pés, porque há alguém que está a entrar na tua vida. Cristo está a caminhar com a Sua cruz para tomar a tua cruz e tu estás em silêncio, como que em pontas dos pés, seguindo o que Ele está a fazer.

Para isto precisamos de ser amigos. Procurem um amigo com quem viver a *Via Crucis*. Mas um amigo no sentido referido ontem, que vos ajude a estar diante d'Ele, a permanecer em silêncio total olhando apenas para Ele, porque é disso que precisamos hoje. Sozinhos não somos capazes. Sozinhos não aguentamos, vamos distrair-nos, mas um amigo ajuda-nos a estar atentos. Levantemo-nos e escutemos o último trecho de hoje, retirado do *Miguel Mañara*. Ainda que hoje não tenhamos conseguido seguir tudo, julgo que, pelo menos, a nossa afeição a Cristo cresceu, por isso logo a seguir vamos ouvir *Dulcis Christe*.

«O suor da morte escorre-Lhe nos olhos. / Caminha debaixo da cruz para o Seu último dia. E que há de belo para ver aqui, diz-nos, Filho do Homem? / A água desta terra é como o olho do cego, a pedra desta terra é como o coração do Rei, a árvore desta terra é instrumento de tortura para Ti, Amor, Filho do Céu. / Partiu o pão, derramou o vinho. / Eis a carne, eis o sangue. / Quem tem ouvidos, ouça! / Rezou, levantou-se. O Seus amigos estavam deitados debaixo da oliveira. / Simão, tu dormes? / Gritou e levantou-se. Os Seus filhinhos sonhavam debaixo da oliveira. Dormireis agora, diz o Filho do Homem. Vieram com espadas e tochas: “Salve, Mestre”. O irmão beijou o irmão na face. A orelha direita foi cortada, e ei-la novamente sarada: para que o homem entenda. / O galo cantou duas vezes: já não há amor, tudo está esquecido. / O galo cantou na solidão do Teu coração, Filho do Homem. / A coroa está sobre a cabeça, a cana na mão, o rosto está cego pelas cuspidelas e pelo sangue. / Salve, Rei dos Judeus. / As vestes foram divididas, os ladrões morreram. / “Tenho sede”, grita o coração da vida. / Mas a esponja recai e o lado foi furado, e tudo foi cumprido. / Agora sabemos que Ele é o Filho do Deus Vivente e que Ele está connosco até ao fim do mundo. Amen».<sup>38</sup>

*Dulcis Christe*

*Angelus*

---

<sup>38</sup> O.V. Miłosz, *Miguel Mañara. Mefiboseth. Saulo di Tarso*, Jaca Book, Milão 2007, pp. 44-45.

## Via Crucis

25 de março, sexta-feira à tarde

*Não é tanto um pensamento que tenhamos que seguir, mas sim um acontecimento no qual temos que entrar agora; é uma forma de memória e tal como cada forma de memória, retira toda a sua importância da seriedade com que o coração se fixa sobre os conteúdos da própria memória, como uma meditação cujas movimentações - o caminho, as palavras que se ouve, os cantos que se canta - a tornam mais viva, mais preparada, mais possível. Não nos maravilhamos se damos por nós distraídos por alguns minutos. Retomemos a atenção mal nos demos conta disto. Antes de começar, peçamos ao Senhor que faz todas as coisas, ao grande Pai, a origem de tudo e portanto a origem deste breve instante de pensamento, de sentimento, de desejo que me invade; peçamos a Deus a graça de perceber, de compreender sempre mais; que o nosso coração compreenda sempre mais. Dá-nos a Tua ajuda para que não percamos nada, para que a evidência última não seja obscura em nós, porque é como uma obscuridade que cobre a evidência do Verdadeiro.\* [Os textos em itálico desta secção da *Via Crucis* foram retirados do livrinho *O abraço que te salva*, Liceus - Tríduo Pascal de 2016.]*

### Judas, Pedro, Pilatos: a nossa traição

*Nós somos a Glória de Cristo, mas, ao mesmo tempo, somos o seu sofrimento; somos o sofrimento de Cristo porque não somos a sua Glória. Não temos consciência que o objectivo da nossa vida quotidiana é a Glória de Cristo.*

**Pigi Banna.** Judas, Pilatos e Pedro. Aquela dúvida que nos aterroriza e de que falávamos esta manhã chega à traição, aquela traição que bem conhecemos, porque Cristo é aceitável até nos pedir um sacrifício, enquanto cabe nas nossas medidas, mas quando começa a pedir-nos, como hoje, o silêncio durante um gesto tão difícil, esmorecemos. Então pensamos que Cristo erra connosco, que Cristo não é suficientemente forte connosco. Decerto que não que somos nós que somos incapazes de nos metermos nos Seus passos e de nos convertermos. Pensamos: é Ele que erra. Serão as vezes em que, como Judas, nos vamos embora e O renegamos, ou as vezes em que de manhã, como Pedro, dizemos: «Estou pronto a morrer por Ti» e à noite damos por nós com medo e a dizer: «Não o conheço!». Ou serão, pior ainda, as vezes em que, como Pilatos, somos simplesmente indiferentes, pensamos já conhecer, já saber, aquilo que nos é dito. Esta é a nossa negação.

E diante disto, o que faz Cristo? Vê Judas e diz-lhe, como no canto que ouviremos daqui a pouco: «*Amicus meus*», amigo meu. Aquele olhar com que o tinha chamado é o mesmo que ainda tem para aquele que O traiu. Aquele olhar com que tinha chamado Pedro é o mesmo com que o olha depois de O ter traído. Com aquele mesmo olhar, causa dificuldades à hábil política de Pilatos. E também a nós, cheios de traições, diz: «*Amicus meus*», «Tu és meu amigo, por isso caminho para a cruz».

E nós o que fazemos? Precipitamo-nos na escuridão do nosso mal, como Judas, ou pior, deixamo-nos engolir pelas lógicas do poder, pelo nosso amigo que está distraído e então sentimo-nos autorizados a distraímo-nos, tal como Pilatos? Ou, como Pedro, choramos amargamente porque Tu és o amigo da minha vida?

Ouvindo este canto e depois, metendo-nos a caminho, decidamos que posição assumir, como responder a este olhar de Cristo que ainda hoje nos diz: «*Amicus meus*», amigo meu. Seguramente, relendo as traduções dos cantos haverá uma frase, haverá uma palavra a fixar para este dia, uma palavra com que é dito, novamente, «*Amicus meus*».

### Maria, Simão, Dimas: atrás da cruz

*A mulher de quem Cristo nasce é a humanidade que mais participou na piedade sofrida de Cristo. Sigamos a figura de Nossa Senhora nos seus sentimentos, em todo o caminho de hoje.*

**Pigi Banna.** A maior dificuldade que eu vivo durante a *Via Crucis*, tal como ao longo da vida, é seguir, seguir o Filho do homem até este ponto de desolação. Também nos meus lábios surge a objeção dos judeus: mas se ele é o Filho do homem, se ele é o Rei da luz, por que razão tem que se reduzir a este ponto? Não pode descer antes da cruz?

E no entanto vimos algumas pessoas simples que, em vez de colocarem estas objeções, seguiam. Maria seguia-O desde o início da sua vida. Simão, o Cireneu segue-O, toma para si a Sua cruz durante um troço do caminho. O bom ladrão segue-O enquanto está pregado na cruz.

Qual é a dificuldade de O seguir, de O seguir ao longo da *Via Crucis*, tal como ao longo do caminho da nossa vida? A dificuldade chama-se «sacrifício». Não tenho medo de usar também esta palavra: sacrifício. Significa renunciar àquilo que imaginavas que a tua vida seria, tal como Maria teve que renunciar à imagem que tinha de si como mulher, como mãe, para O seguir. O bom ladrão teve que renunciar à imagem de um salvador que o tirasse da cruz, para O seguir. Mas se não O seguíssemos... sabem qual é o oposto do sacrifício? O oposto do sacrifício não é o próprio prazer, mas a tragédia. O oposto do sacrifício é a tragédia de um pecado teu, meu, que não pode ser perdoado. Pelo contrário, aceitando-o, aceitando o sacrifício de ir atrás dele, Maria, Simão de Cirene, o ladrão, viram a vida eterna ter início neste mundo; Maria viu uma possibilidade de ser mulher, de ser mãe, de ser filha do seu Filho como nunca tinha imaginado; o ladrão viu a salvação, viu o Paraíso abrir-se diante de si. O primeiro a entrar no Paraíso foi ele.

Se nós aceitarmos o sacrifício de passar ao longo de uma estrada feita de cruces, como a via que percorreram agora, feita de sacrifícios para um bem, é para segui-lo a Ele, e não porque temos músculos fortes. Se nós aceitarmos ir atrás dele, já aqui nos é prometida a vida eterna. Não é uma questão de capacidades. De Maria, mulher pura concebida sem pecado original, ao delinquente justamente crucificado, todos podemos, sem exclusões, ir atrás dele. Para todos é possível seguir. Não há pecado que não nos permita fazê-lo. Por isso, que o pedido do canto que vamos ouvir nos alcance e nos sustente no caminho. Maria grita-nos: «Deixava-l'O por um outro amor? Cristo tende a morrer, vai morrer por ti. Deixava-l'O por um outro amor?».

### **Ele está aqui entre nós como no dia da Sua morte**

*Para perceber o Mistério, é preciso dar-mo-nos conta do humano; o que faz com que nos tornemos familiares ao mistério da morte de Cristo é o dar-se conta dos sentimentos humanos do próprio Cristo, que foram o conteúdo do Seu martírio.*

**Pigi Banna.** Ressoa eternamente aquele grito: «Meu Deus, Meu Deus, porque Me abandonastes?» (Mc 15,34). Aquele abandono de que falámos esta manhã, Cristo carregou-o todo consigo, trouxe-o para a sua relação com o Pai, gritou-o ao Pai. E desde aquele momento, aquele grito ressoa eternamente e já não pode ser dito de forma vã.

Aquilo que mais faz sofrer não é tanto trair a lei, trair os mandamentos, aquilo que mais faz sofrer é ver que o teu pecado custa a morte de Alguém. Mas graças àquele grito, graças àquela morte, já não existe nenhum sofrimento que não seja abraçada pela relação de Cristo com o seu Pai, já não existe nenhuma dor de mulher, nenhuma dor de homem, nenhum grito de criança que morra injustamente, que não sejam abraçados por aquele grito de Cristo ao Pai. Com a Sua morte, com o Seu grito, Cristo já não permite que nós gritemos desesperadamente.

Tinha sede. Tinha sede de quê? Não tinha sede de água, tinha sede do nosso grito. Tinha sede do facto de que nós podemos finalmente gritar-Lhe todo o nosso sofrimento, todo o nosso desespero; quer que nós Lhe gritemos, tem sede disto porque no Seu grito cada grito nosso é abraçado. Por isso não tenhamos medo de cantar o *Caligaverunt*, de gritar com Maria a dor pela morte de Cristo.

*A grande vocação do filho de Maria cumpre-se como a derrota de um pobre homem. Cada dia da história parece confirmá-lo, mas a sua própria permanência, em cada dia da vida do homem, grita uma vitória ainda escondida. E no entanto não está totalmente escondida, é um sinal que revela o seu conteúdo. A revelação deste sinal é a concretização, o crescimento de uma companhia humana gerada exclusivamente pela fé n' Ele, realmente nascido das entranhas de Maria. O modo começa a tornar-se experiência. É possível viver a vida com Cristo.*

**Pigi Banna.** O Pai respondeu a este grito de Cristo. Mas onde? Antes de mais, no grito do centurião, não de um dos Seus discípulos, mas de um dos que o tinham matado: «Na verdade Este era o Filho de Deus!» (Mt 27,54). O Pai responde a este grito se pelo menos um de nós hoje tiver dito: «Na verdade Este era o Filho de Deus!». Aqui está a potência da Ressurreição que já germinava debaixo da cruz, no facto de que ainda hoje um de nós possa dizer, que ao menos um em cinco mil, durante esta *Via Crucis* tenha dito no seu coração: «Na verdade Este era o Filho de Deus!». Esta é a potência da Ressurreição. Cristo é como um artífice que desceu às fundações da terra, aos subterrâneos do edifício dos nossos limites e ali, chegado ao ponto mais baixo, faz explodir tudo; chegado ao fundo do limite faz explodir tudo, e restitui a vida. Onde? A começar por ti, que comesas a dizer: «Na verdade Este era o Filho de Deus!». Funde o tempo, o presente, o passado, precede o futuro, chega a mim e a ti. Por isso sabemos que está vivo. Cantemos: *Allora saprete che esisto.*

**Testemunho de Joshua Stancil**  
*26 de março, sábado de manhã*

*Laudes*

**Pigi Banna.** «Ainda que uma mulher se esquecesse [*do seu bebê, nt.*], eu nunca te esqueceria» (*Is* 49,15). Depois do dia de ontem, podemos gritar a toda a gente que há alguém que me veio salvar da minha solidão, que veio abraçar-me na minha traição, no meu medo, com uma preferência despudorada por cada um de nós. Como diz a frase do Papa registada no manifesto deste ano: «Quando se experimenta o abraço da misericórdia, quando nos deixamos abraçar, quando nos deixamos tocar; então a vida pode mudar, porque procuramos responder a este dom imenso e surpreendente, que aos olhos humanos pode até parecer “injusto”, por ser tão grande».<sup>39</sup> É esta abundância que enche o nosso coração.

*Angelus*

*Give me Jesus*  
*Il mio volto*

**Alberto Bonfanti.** Falando ontem à noite com o Pigi e alguns amigos professores, e lendo as numerosas, lindíssimas e humaníssimas perguntas que nos chegaram, mas também olhando para os vossos rostos nestes dias ou repensando nos muitos diálogos rápidos ou mais consistentes que tivemos, uma primeira coisa me parece clara, e é esta: cada um de nós fez a experiência de ter sido compreendido. Ontem à noite, numa assembleia, um rapaz de Roma disse ao Pigi: «Mas como é que faz para conhecer a minha necessidade, a nossa necessidade?». Muitos admitiram: «Aquilo que o Pigi disse é o que eu experimento!» Na minha assembleia diziam: «Quando falava, descrevia exatamente o que me acontece a mim». Quantos exemplos mais podemos dar, podem dar! Em suma, fomos compreendidos nas nossas necessidades mais verdadeiras no nosso eu. Esta é a experiência que fizemos. Mas quem é que nos pode compreender assim? Só Deus. Não um Deus abstrato, mas o divino incarnado, Jesus. Como na experiência dos discípulos de Emaús, quando O reconheceram, repensando na viagem com aquele homem disseram: «Não é verdade que nós sentíamos abrasar-se-nos o coração, quando Ele nos falava pelo caminho?» (*Lc* 24,32). O nosso coração arde. Isto é possível pela experiência do divino, pela presença do divino entre nós, como o foi para os discípulos de Emaús. Esta é a experiência de um abraço que nos salva, que nos compreende. O destino, o divino despertou, acordou, exaltou as nossas perguntas. Chegaram mais de cem. Mas em cada assembleia, contaram-nos os adultos, houve um dilúvio de perguntas. E esta é a confirmação daquilo que nos dizia o Carrón na mensagem inicial: «Do mesmo modo, sabemos que sem a presença de um grande amigo nos renderíamos logo diante das urgências da vida». Não tivemos medo de revelar todas as urgências da vida – coisa que não é comum hoje, basta olharem à vossa volta, que olhemos à nossa volta –. Sejamos razoáveis, como sempre nos ensinou Dom Giussani, submetamos a nossa razão à experiência que fizemos. Porque isto é ser razoável: submeter a razão não aos nossos pensamentos, mas à experiência que fizemos. Olhemos de frente e aprofundemos aquilo que já aconteceu, antes de procurar intelectualizar ou reduzir a regras que tornam o caminho pesado aquilo que, pelo contrário, nos libertou. Este é o primeiro dado indiscutível destes dias, da experiência que cada um de nós fez. Perguntam: «Como é que faço para

---

<sup>39</sup> Francisco, *O nome de Deus é Misericórdia*, Piemme-LEV, Milão-Cidade do Vaticano 2016, p. 50.

ver Deus?» Um rapaz pergunta: «No início de cada coisa vivida nos Liceus tudo é bonito, mas pergunto-me sempre: onde está Jesus, afinal? Eu não consigo encontrá-Lo». Deus está porque o teu coração arde, porque te despertou as perguntas que tens hoje. Fizemos uma experiência de amizade, como nos disse ainda o Carrón na sua mensagem: «Amigo é alguém que ama a minha vida, a minha realização, a minha plenitude. É esta plenitude que eu quero, que espero secretamente desde que o desejo de felicidade começou a aflorar dentro de mim». Porém há quem pense que seria melhor não ter estas perguntas, esta ferida, que seria melhor que estivéssemos anestesiados: «Eu não estou nada seguro se prefiro olhar para a realidade de frente, ou antes enchê-la com mil coisas e esquecê-la». Ou um outro: «Poque é que seria vantajoso manter a ferida aberta? Mas podemos?» Também o Carrón nos assinalou esta tentação: «Outras vezes, perguntamo-nos se não seria melhor para nós que ele não fosse tão urgente», este desejo de felicidade. Mas é possível conter aquele infinito que nós somos? De cada vez que tentamos, ficamos apenas mais insatisfeitos.

Então – e é a segunda coisa que queremos dizer-vos –, por uma fidelidade à experiência que vivemos nestes dias, temos que ter em conta que não encontrarão as respostas para as vossas perguntas repetindo mecanicamente as respostas que vos dão e que nós próprios vos damos; não as encontrarão reduzindo as perguntas ou colando as respostas às feridas que têm, mas sim num caminho leal, humano, que parte do ponto onde se encontram, como reconhece com lealdade um de nós: «O Pigi disse-nos: “Encontraram alguém que não trai?”. Eu não, ainda não. O Pigi disse que a resposta é Cristo. Esta proposta parece-me razoável, mas ainda não é minha». Encontraremos as respostas através dum caminho humano que parte do ponto em que nos encontramos, em relação com aquele lugar que nos provocou as perguntas. Obedecendo – outra palavra a descobrir – àquela amizade que despertou o meu eu, porque a resposta é acima de tudo um lugar onde fazer a nossa pergunta, onde iniciar um caminho juntos, porque vemos homens que vivem à altura do nosso desejo. Este lugar é a Igreja. Este lugar é os Liceus, dentro da Igreja. Não é uma caixa automática de respostas a bom preço, mas um lugar no qual caminhar para captar as respostas para as nossas perguntas. Descobrimos a presença entre nós do divino porque despertou as nossas perguntas, mas não sabemos ainda como é que este divino quer voltar a encontra-nos, quer voltar a chamar-nos. No fundo, o que é que mais nos tocou no Pigi? O facto de ele ter as mesmas perguntas do que nós e ter feito um percurso que nos comunicou, ter testemunhado como é que fez experiência da resposta, como é que aquela resposta fez arder o seu coração, como é que faz arder o seu coração agora. Recordou-o o Carrón: «Todos sabemos, por experiência, que não é fácil encontrar alguém que viva à altura do próprio desejo. Do mesmo modo, sabemos que sem a presença de um grande amigo nos renderíamos logo diante das urgências da vida. É neste ponto que se torna evidente o significado da amizade de Jesus. Sem um amigo como Jesus, que nos acompanha e nos sustenta, seria quase impossível não desistir».

Não queremos encerrar todas as perguntas que foram abertas, mas queremos que se tornem conteúdo do nosso trabalho juntos nos próximos meses. Então – terceiro e último aspeto que queremos sublinhar ao introduzir o momento desta manhã –, ainda por fidelidade à experiência feita, não nos detenhamos na crista da emoção, do sentimento, mas ajuizemos, comecemos a ajuizar, como nos disse o Pigi. Muitos perguntaram o que significa ajuizar. Para ajuizar é preciso ter um critério. O critério está em nós, é o nosso coração, a nossa experiência elementar, que nos faz desejar o que é verdadeiro, bonito e bom, a felicidade. Só nós podemos reconhecer o que nos corresponde, mais ninguém pode fazer isso em nosso lugar. E estamos certos de que Aquele que provocou as nossas perguntas colocou dentro de nós um critério infalível que nos fará captar a resposta. Cada um de nós sabe isso: muitas coisas nos emocionam, mas só uma corresponde infalivelmente, ou seja, traz consigo um para sempre de verdadeiro, de bonito, de bom, de justo. Isto

acontece num caminho pessoal dentro daquele lugar que provocou o nosso eu e que, portanto, é já o caminho da resposta. Isto, como dissemos, são os Liceus. É um caminho humano onde sermos amigos, onde nos desafiarmos a ir ao fundo das nossas perguntas. Foi Jesus que nos despertou as perguntas e as reavivou. Como é que Ele irá responder a cada um de nós, não o sabemos, mas sabemos que Ele nos responde. O como, está por descobrir.

Temos só que estar atentos para evitar dois erros, dois erros possíveis: esperar passivamente que outros nos deem a resposta, ou dar-mo-la a nós mesmos com os nossos raciocínios, com a nossa imaginação. A resposta, pelo contrário, vamos encontrá-la num caminho dentro daquele lugar que nos despertou a pergunta, porque, tal como a pergunta foi despertada por um Outro, também a resposta não está em nós, não a poderemos nunca catalogar. Como a pergunta é o pedido duma relação, também a resposta é a experiência de uma relação, de um abraço que nos salva. Aquilo que nos conforta – e vemo-lo na vida quotidiana, vimo-lo nestes dias – é ter testemunhas que nos indicam o caminho. Como foi o Pigi neste Tríduo, como foram muitos entre nós para cada um de nós e como o é o nosso amigo Joshua, que veio de propósito da América para nos contar o percurso que fez, como é que reconheceu na sua vida o que é bonito, o que é verdadeiro, o que é justo, para nos testemunhar – para usar a feliz imagem do Pigi – como é que combateu o leão, derrotando-o.

**Joshua Stancil** (Intervenção em língua inglesa com tradução simultânea). Estou um tanto atordoado ao olhar para vocês todos. Quando, há uns meses, me pediram para vir aqui, pensava que teria de falar para uns cinquenta de vocês na cave de uma igreja; não pensava de todo que a plateia fosse tão grande, mas estou muito contente por estar aqui e também comovido. Propuseram-me falar sobre a misericórdia e sobre a Ressurreição, e para isso quer dar-vos exemplos concretos da minha vida. Passei dezoito anos na prisão na Carolina do Norte, um dos estados do sul dos Estados Unidos. Na prisão uma pessoa tenta dar o seu melhor, mas também tenta negar a realidade com mentiras; uma mentira que eu dizia a mim mesmo era esta: «O que é que vou fazer em todos estes anos de prisão?». Quando fui condenado a lei mudou, a minha pena podia ter sido reduzida e poderia ter voltado para casa. Mas passados seis anos dei-me conta de que isto não seria possível e que, portanto, iria ficar na prisão durante dezoito anos. Na Carolina do Norte não se fica definitivamente numa prisão, mudam-nos duma prisão para a outra porque receiam as relações que se estabelecem entre os detidos, relações afetivas, tráfico de armas ou outras. Eu estive encerrado numa prisão muito severa, muito violenta. Era um ambiente corrosivo para o meu espírito, que todos os dias levava consigo um pedaço de mim, que martelava dentro de mim. No verão de 2002, pensei mesmo no suicídio, mas a realidade é teimosa e vence sempre. Contei a mim mesmo um monte de mentiras, mas a realidade é teimosa, a realidade vence. A única coisa que me fez andar para a frente nos meses seguintes foram os textos de Dom Giussani; com efeito, recebi na prisão uma revista, que se chama *Magnificat* e é um missal diário que contém pequenas meditações quotidianas, escritas por santos ou por quaisquer personalidades da Igreja. Não resisti em escrever ao diretor, um padre dominicano chamado Peter Cameron, perguntando-lhe se podia comprar a revista todos os meses. Ele respondeu-me: «Não te preocupes, eu mando-ta gratuitamente». Entre muitas outras, a *Magnificat* trazia também meditações de Dom Giussani. Até então, nunca tinha ouvido falar dele; por outro lado, a revista não dizia muito, apenas trazia, sob o texto, a legenda «Dom Giussani é o fundador de Comunhão e Libertação». Confesso que não me interessava muito saber o que era aquele movimento de que era fundador. Naquela altura sentia-me muito viril, independente, mas queria saber mais sobre este Dom Giussani e então escrevi a várias organizações católicas americanas tentando entender. Quando estás na prisão e escreves às pessoas, nove vezes em cada dez não te respondem, porque pensam que estás sem dinheiro ou que tentas aldrabá-los. As únicas pessoas que me responderam escreveram: «Nós não sabemos nada de Comunhão e Libertação». E assim esqueci-me completamente do assunto, eliminei-o da minha cabeça. Como vos disse, em julho de 2002 pensava no suicídio e procurava locais isolados na prisão para me poder matar, porque as prisões são muito abertas. Ao arrumar as minhas coisas, encontrei uma meditação de Massimiliano Kolbe, estava-se a aproximar a festa da Assunção. Então disse para mim mesmo:

«Está bem, vou rezar esta oração». E assim, a 15 de agosto de 2002, fiz o ato de consagração a Maria. Não havia nenhum sentimento de alívio em mim, nada de particular, era apenas um ato de completo desespero. Fi-lo e depois esqueci-me completamente disso. Um mês depois, recebi uma carta de uma organização que tinha encontrado informações sobre Dom Giussani e sobre o movimento. Mandaram-me três nomes: John, Rick, Barry e os seus endereços de correio eletrónico. Na prisão, na América, não tens acesso à Internet, por isso estes endereços de email não me serviram para nada; depois pensei: «Escrevo uma cartinha, mando-a à minha mãe e pergunto-lhe se pode enviá-la por via eletrónica». E assim fiz. Escolhi um nome ao calhas, Rick, escrevi uma carta muito curta, mandei-a à minha mãe, mas depois esqueci-me, não pensei mais no assunto. Não me entendam mal, eu gosto da minha mãe, mas ela tem tendência a dizer «Sim» de forma entusiástica a todas as coisas, e depois esquece-se. Mas descobri depois que ela, realmente, tinha enviado o email. A minha mãe não é católica, por isso as coisas que eu tinha escrito não tinham nenhum significado para ele. Em todo o caso, enviou o mail a 7 de outubro, festa do Rosário, mas eu não sabia se o tinha feito. O Rick recebe o email, contacta a Elisabetta, que pertence aos *Memores Domini*, e juntos prepararam um pequeno pacote para mim com alguns números da *Tracce*, alguns livros de Dom Giussani e, infelizmente, incluíram no pacote também alguns Cds de música. Nas prisões da Carolina do Norte não se pode ter Cds de música, por isso o pacote foi devolvido ao remetente. Eu não sabia de nada disto. Depois, um dia recebi uma carta de um italiano chamado Giorgio Vittadini. Estando numa prisão da Carolina do Norte, não é todos os dias que recibes uma carta de Itália. Eu não fazia a mais pálida ideia da razão por que aquela pessoa me estava a escrever. Parecia-me muito simpático, mas não percebia porque me tinha escrito e não queria responder-lhe, porque não tinha nada para dizer. Além disso a minha atitude, como já disse, era a de ser viril, independente, e por isso não queria ter nenhum tipo de relacionamento com ninguém. Infeliz, ou felizmente, sou da Carolina do Sul, onde somos ensinados a ser muito educados, corretos, e por isso tive que inventar qualquer coisa para lhe escrever. Uma noite estava a ver televisão e vi no telejornal que o Etna estava em irrupção. Pensei: «Ah, agora tenho alguma coisa para escrever!». Acreditem, para piorar a situação e fazendo prova da típica ignorância geográfica dos americanos, escrevi ao Giorgio: «Por favor, tem cuidado!».

Algumas semanas depois, inesperadamente, sou transferido para uma outra prisão na Carolina do Sul, muito melhor do que aquela onde me encontrava, e recebi uma carta daquela Elisabetta que me tinha enviado o pacote que nunca recebi, e assim ela explicou-me tudo o que tinha acontecido. Na carta escrevia-me também: «Importavas-te se eu e um amigo meu te fossemos visitar à prisão?». Queria dizer que não, porque, como disse, era independente e não queria nenhuma relação, mas simplesmente receber um livro de Dom Giussani. Mas nós, no sul, somos verdadeiramente corretos, educados, e por isso disse que sim. A 29 de dezembro de 2002, a Elisabetta e o Thobias vieram ver-me à prisão. Não sabia porque tinham vindo. Foi uma visita muito bonita, como nunca tinha tido. E quando se foram embora, disse: «Foi muito bonito», mas não pensava, claro, que os ia voltar a ver. Mas eles voltaram poucos meses depois. E todos os meses alguém novo vinha visitar-me, de Washington D.C. e de Nova Iorque. Tenham em conta que a Carolina do Sul é vários estados mais a sul, e por isso tinham que guiar durante muito tempo. E por isso eu queria descobrir qual era a armadilha, o que estava por detrás daquilo. Pensava que queriam «o meu primogénito», dinheiro, não sei, tentava entender. Não sabia o que estava a acontecer. Até que, cerca de um ano depois, vieram visitar-me o Rick e a sua mulher Chiara, que é italiana. Ela estava grávida, naquela altura, de muitos meses. Surpreenderam-me perguntando se eu queria ser o padrinho do filho ou da filha que iam ter. Lembro-me de ter olhado para eles e ter perguntado: «Vocês estão conscientes de que eu estou na prisão?! Isto não é maneira de conquistar a simpatia dos outros, vão pensar que vocês estão doidos ao fazer esta proposta». Mas como o primeiro livro que li de Dom Giussani era o *Porquê a Igreja* (naquela altura, era o texto da Escola de comunidade), se se lembram, no início do livro Dom Giussani descreve os três métodos para verificar a pretensão da Igreja: o método racionalista, o método protestante e o método católico-ortodoxo. Do método protestante, ele diz que uma luz interior, um sentimento interior te invade vindo de dentro, mas o problema é que as nossas



emoções vão e vêm. Se a minha certeza sobre a Igreja, sobre a misericórdia, sobre Cristo, se basear numa emoção, o que é que eu faço quando as emoções se vão embora? Mas quando estás numa prisão, com uma sentença de dezoito anos, e um casal te pede para seres padrinho do filho, isto é uma coisa concreta, não é uma emoção! Nesse momento compreendes que a misericórdia incarnou, está à tua frente e olha-te. Alguns meses depois, recebi uma outra carta de Itália. Está em italiano, mas é muito curta, leio-a: «Meu querido irmão, ou ainda melhor, irmão Joshua, nós estamos verdadeiramente gratos pelo testemunho que nos estás a dar da tua experiência, da tua experiência da nossa fé [e sublinhou as palavras “nossa fé”]. Espero abraçar-te antes do fim da nossa viagem terrena». Assinado: Dom Luigi Giussani. Escreveu-me esta carta cerca de dois anos antes de morrer. E fiquei profundamente comovido, porque se pode ver, pela letra muito trémula, que ele estava muito doente naquela altura, mas tomou algum tempo do seu dia para me escrever, a mim que estava na prisão. E sublinhou a expressão «nossa fé». Surpreendeu-me que ele, de alguma maneira, se identificasse comigo. Quando estás na prisão nunca experimentas isto, porque ninguém quer identificar-se contigo, ninguém quer ter alguma coisa em comum contigo. E quando Dom Giussani me escreveu: «Espero abraçar-te nesta vida», julgo que sabia bem que não poderia abraçar-me e que este abraço ficaria apenas na carta.

E assim, vendo que ele que era italiano e idoso, e eu era americano e jovem, que eu estava na prisão e ele era livre, mas estávamos a fazer experiência da mesma coisa, comecei a entender a ideia da misericórdia, ou melhor, o facto da misericórdia que me levava a compreender a fé. Não sei como é em Itália, mas na América o Papa Francisco é uma figura controversa. Circulam muitas críticas sobre o Papa Francisco e algumas delas estendem-se também a este Ano da Misericórdia. Uma das críticas que ouvi é que o Papa fala muito da misericórdia e muito pouco da penitência. Não me parece que seja uma crítica fundamentada, porque na realidade ele fala também da penitência. Mas a coisa mais importante é outra: se a misericórdia que eu recebi fosse proporcional à quantidade da minha penitência, do meu arrependimento, já não seria misericórdia; se eu tenho que a ganhar, é simplesmente um prémio, uma conquista, não é misericórdia. A misericórdia é uma coisa que não se merece. Quando a mulher adúltera é levada a Jesus, para mim uma das coisas mais impressionantes daquela história é o facto de que Jesus nunca usa a palavra adúltera o adultério, não lhe põe nenhuma etiqueta, não lhe atira areia para os olhos, porque sabe que aquilo de que ela precisa não é de ser humilhada, mas que aquilo de que ela precisa é de um novo início. Foi isso que Ele lhe deu. O Ano da Misericórdia representa a mesma oportunidade para nós. O Rick, este amigo meu, e a sua mulher Chiara não me perguntaram se eu me tinha arrependido antes de me convidarem para ser padrinho da filha deles; Dom Giussani não me perguntou se eu me tinha arrependido antes de me escrever a carta; nenhum de vocês me perguntou se eu me tinha arrependido antes de vir aqui hoje, e deste modo cada um de vocês me fez ver a misericórdia. A misericórdia, às vezes, é uma coisa difícil de receber, por exemplo para mim, acima de tudo porque me obriga a reconhecer que cometi um erro, mas também porque me obriga a reconhecer que sou dependente. E às vezes isso não nos agrada. No entanto, a coisa maravilhosa da dependência é ver que não estamos sozinhos. Se por definição dependo, significa que nunca estou sozinho.

Vim a Itália em dezembro. Encontrei pessoas maravilhosas e já conheci alguns de vocês. Em alguns, existiam objeções que eu ouvia repetidamente, do tipo: «Tudo isto parece maravilhoso, mas eu não sou uma boa pessoa, uma pessoa corajosa». Em especial, uma mulher disse-me: «Não há nenhuma necessidade que Jesus seja misericordioso comigo hoje, porque amanhã eu volto a errar. Eu sou como um vulcão que continua em irrupção, a errar». Eu disse-lhe: «Sim, mas o vulcão dá-nos o Hawaii, as ilhas Hawaii, no meio de todo o caos, do fogo, surgiu um dos lugares mais belos da terra». Com Cristo não há objeções, todas as coisas podem ser usadas. Ele nunca diz aos que o seguem, aos discípulos: «Primeiro resolve todos os teus problemas, e depois segue-me». Em dezembro fui a Roma e senti uma grande alegria ao ver o quadro de Caravaggio sobre a vocação de Mateus. Se conhecem este quadro, Jesus aponta para Mateus, chamando-o, enquanto este conta dinheiro, porque ele era um cobrador de impostos. A questão é que mesmo quando nós não olhamos

para Jesus, Ele olha para nós. O amor e a misericórdia vêm sempre primeiro. Nós não fazemos primeiro penitência e depois vamos ter com o padre para a absolvição, é ao contrário.

A 4 de janeiro voltei para os Estados Unidos, no aeroporto havia problemas de segurança, no embarque dos passageiros era muito complicado passar nos controlos e eu era o último da fila. O lugar que me tinha sido atribuído era mesmo ao fundo, o 43G, o avião estava completamente cheio e eu não estava muito satisfeito com tudo isto. O meu lugar era mesmo à frente da casa-de-banho e eu pensei: «Assim não vou conseguir sequer dormir neste voo!». Quando estava a chegar ao meu lugar, que era na coxia, estava uma senhora no assento do meio e o seu casaco estava no meu assento. Era uma senhora bonita, pensei que fosse italiana porque todos no avião eram italianos, exceto eu. O meu italiano é terrível, por isso nem sequer tentei dirigir-lhe a palavra. Como disse aos amigos em dezembro, eu só conheço três palavras em: adeus, bom dia e maçã. Por isso olhei para a senhora, aponte para o casaco, aponte para mim mesmo e sorri. E ela pegou no casaco, dizendo-me em inglês, mas com sotaque italiano: «Talvez tenhas dificuldade em encontrar lugar para a tua bagagem, é melhor falares com a hospedeira». Eu disse: «Está bem, obrigado». Falei com a hospedeira, encontrei lugar para a minha bagagem voltei para o meu lugar e enquanto voltava para trás a senhora estava a olhar para mim; então pensei: «Mmh, é um pouco estranha». Sentei-me e ela disse-me: «Tu és o Joshua»; a minha cabeça começou a pensar: se calhar, estava num dos encontros em que participei. E, como se me estivesse a ler os pensamentos, ela disse-me: «Não, eu não estive em nenhum dos teus encontros, mas tenho uma carta que tu me escreveste há muitos anos». Eu pensei: «Mas como é que ela recebeu uma carta minha?» E ela: «Vivi em Nova Iorque durante algum tempo»; e só então me lembrei de quem ela era. Tínhamos trocado uma carta, e depois ela tinha regressado a Itália. Esta carta era de 2003, quando eu ainda estava na prisão. Aquela pessoa nem sequer devia estar naquele voo, o seu voo era no dia anterior, mas como havia problemas tinha sido mudada para o meu voo, para o lugar ao lado do meu. A voz feminina que estão a ouvir é precisamente dessa pessoa! (*Palmas*) O seu nome é Lorna. É um mundo verdadeiramente pequeno. Somos verdadeiramente um só coisa. E a Ressurreição verdadeiramente acontece agora. Muito obrigada por me terem convidado para estar aqui com vocês.

**Pigi Banna.** Obrigada, Joshua porque, como nos dizias, com Cristo não existem objeções e o mundo torna-se pequeno. Cristo experimenta-as todas para me alcançar, a mim e a ti, para alcançar Madalena no dia de Páscoa, uma mulher desconhecida, para a fazer sentir-se mais ela mesma, mais Madalena, como diz o Carrón: «“Maria!” Como terá vibrado toda a humanidade de Jesus para poder dizer o nome de Maria com um tom, com uma inflexão, com uma intensidade, com uma familiaridade tais que ela O reconheceu logo, quando, apenas um minuto antes, O tinha confundido com um jardineiro. [...] É como se toda a ternura do Mistério chegasse àquela mulher através de toda a humanidade de Jesus ressuscitado vibrante por aquela mulher existir: “Maria!”. [...] O que é o cristianismo senão aquela presença toda vibrante pelo destino de uma mulher desconhecida, que lhe faz perceber o que Ele trouxe, o que Ele é para a vida? [...] É esta comunicação do ser, de “mais ser”, de “mais Maria” que revela àquela mulher quem é Jesus. Não é uma teoria, ou um discurso ou uma explicação, mas um acontecimento que tocou todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, entraram em relação com Ele, e que os Evangelhos, na sua simplicidade desarmante, comunicam da forma mais ingénua, mais simples que pode haver, sublinhando simplesmente como Jesus pronunciou os seus nomes: “Maria!”, “Zaqueu!”, “Mateus!”».<sup>40</sup>

Cristo derruba as barreiras que separam um homem imobilizado pela doença em Itália, um idoso, e um jovem imobilizado pela prisão na América; derruba as barreiras da nossa cultura, derruba as barreiras das transferências de prisão, derruba as barreiras da nossa preguiça, derruba as barreiras do tempo para nos alcançar. Ele não te pede permissão para ressuscitar. E só a certa altura nos apercebemos de que Ele nos alcançou. E quando nos apercebemos disso, damo-nos conta de todas as dificuldades que Cristo teve para nos alcançar, tal como, talvez, só quando tivermos sessenta ou

---

<sup>40</sup> J. Carrón, *A beleza desarmada*, op. cit., pp. 276-277.

setenta anos, nos daremos conta de todas as dificuldades que a nossa mãe passou para nos pôr no mundo. Como é que uma pessoa faz para falar a seis mil pessoas, das quais gostaria de saber todos os nomes, mas consegue no máximo decorar trinta? Como é que um homem de outro continente faz para chegar ao nosso coração? Não nos pediu licença, derruba as barreiras. Não nos pede condições prévias, uma penitência, derruba as barreiras do tempo e do espaço. Sobretudo, as barreiras do meu limite. A questão central, como nos dizia o Albertino, não está tanto no facto de nós termos entendido tudo nestes dias, mas que Ele nos tenha alcançado. E este sermos alcançados tem um nome: misericórdia.

Misericórdia quer dizer todo o caminho que o Mistério é capaz de fazer, que Cristo é capaz de fazer, para te alcançar. Este caminho passa pela morte, passa pelo tempo, passa pelo meu pecado. Não se scandaliza, não se detém. Até que tu digas: «Mas o que é que me faz sentir mais eu mesmo? O que é que me faz ressuscitar? Eu sou limitado, ele é limitado, estamos cheios de limites, e no entanto passa-se alguma coisa. O que é?»». Isto é a Ressurreição. Por isso façamos explodir o nome d'Aquele que, de algum modo, nos alcançou nestes dias. Façamos explodir o nosso grito de alegria cantando *Cristo risusciti*.

### *Cristo risusciti*

Com Cristo não existem mais objeções. Repetimos isto e agradecemos-vos, agradeço-vos eu antes de mais pessoalmente pela forma como estiveram atentos nestes dias, disponíveis para o que acontecia, porque não colocaram barreiras a este acontecimento incrível que acontecia entre nós. Quero desejar-vos duas coisas, para concluir.

A primeira é que o vosso coração arda cada vez mais, que não se acalme, mas grite a toda a gente estas perguntas que vocês têm. Não se contentem! Como escrevemos no telegrama ao Papa Francisco, citando-o a ele próprio, porque este Papa é espetacular: «Vamos fazer barulho». Queremos fazer barulho, queremos gritar ao mundo que nós somos pergunta. Porque quanto mais uma pessoa encontra Cristo, mais faz barulho, mais o seu coração se incendeia, mais se apaixona por tudo, mais consegue caminhar, mesmo na prisão, amar a vida, mesmo na prisão; consegue amar uma hora de matemática, para sossego das professoras de matemática. Porque com Cristo, se o coração bate, tudo pode tornar-se apaixonante.

E a segunda coisa que vos desejo é de serem como Cristo neste dia, neste Sábado Santo. Para a tradição oriental, o Cristo de sábado ainda não ressuscitou na terra, ressuscitou no inferno: vai, desce aos infernos, aos subterrâneos do mundo, e vai abrir todos os túmulos, de Adão, de Eva, dos patriarcas, de todos aqueles que estavam ali mumificados, e diz a todos: «Acordem!». E vocês? Depois destes dias, vão voltar para os vossos pais, alguns dos quais não sabem sequer o que é a Páscoa, vão rever os vossos colegas que se estiveram a divertir do modo habitual, que entusiasmo por pouco tempo, e podem dizer-lhes: «Acordem! Saiam dos túmulos!», porque podemos gritar uma pergunta. A nossa forma de estar na escola, de estar em casa, muda; não é que os abandonemos porque nós encontrámos os Liceus, como que a dizer: agora pronto, já está. Não! Pode-se estar com eles como Cristo no meio dos infernos, é sair, como diz o Papa Francisco. E não um sair só para dizer: «Dou-te um manifesto, peço-te, vem aos Exercícios. Não vens? Então já não és meu amigo». Isto seria uma parvoíce, uma coisa de ativistas. Mas uma pessoa que acordou, vai acordar as outras. Depois, talvez só daqui a dez anos te vão perguntar: «Olha, mas que coisa era aquela de que me tinhas falado? O círculo? O *raggio*? Que coisa era aquela?». Não importa, a questão é acordar, como nós fizemos nestes dias, convidá-los a fazer um caminho humano, a saírem do sepulcro, levar uma lufada de ar fresco à vossa turma, à vossa escola. Este é o primeiro sinal, o maior sinal de Cristo ressuscitado. Porque se temos uma pergunta, não devemos calá-la, temos pelo contrário que gritá-la, para encontrar a resposta. E se começámos a encontrar alguma coisa, não podemos fechá-la neste recinto, temos que levá-la a toda a gente. Boa Páscoa!

**Alberto Bonfanti.** Leio-vos o telegrama que enviamos ao Papa Francisco. «Santidade, cinco mil estudantes de Comunhão e Libertação, juntamente com os seus professores, participaram, de 24 a

26 de março em Rimini no Tríduo Pascal, pregado pelo padre Pierluigi Banna. «O abraço que te salva» foi o tema do Tríduo. Acompanhou-nos a certeza, como disse na audiência geral de quarta-feira, de que o amor de Deus não tem limites, é um amor que vai ao extremo sem limites. O mistério é uma grande história de amor que não conhece obstáculos. Isto acontece hoje como aconteceu aos apóstolos. O amor de Cristo alcança-nos, leva a sério todas as perguntas do nosso coração e fá-las surgir num abraço que volta a dar vida em todo o lado. Com Jesus ao nosso lado, a nossa vida é diferente, mais plena. O início do cumprimento do desejo de felicidade que vemos florescer em nós é a nossa alegria e é a esperança que levamos a todos dentro da escola fazendo confusão, fazendo barulho, como nos disse uma vez, através da simplicidade do testemunho que em si resplandece de modo apaixonante e envolvente. Enquanto imploramos a sua especial benção, asseguramos-lhe a nossa oração. Felicidades Santidade. Alberto Bonfanti e padre Pierluigi Banna».

*Regina Coeli*